



ARALINHAS DO EVANGELHO

Março 2026

*“Aproximemo-nos
do trono da graça!”*

*Flashes
de Fátima*



PARTICIPE!

ENCONTRO NACIONAL DOS ARAUTOS DO EVANGELHO



**XXV ANIVERSÁRIO
DA APROVAÇÃO
PONTIFÍCIA**



FÁTIMA - 25 DE ABRIL

14:00 - Acolhimento na Basílica da Santíssima Trindade

14:10 - Colóquio Mariano

14:45 - Entrada processional e coroação da Imagem de Nossa Senhora

15:00 - Solene Eucaristia

16:15 - Adoração ao Santíssimo Sacramento e recitação do Terço

17:00 - Cortejo e saudação na Capelinha das Aparições

Flashes de Fátima

Revista da Campanha
"O Meu Imaculado Coração Triunfará!"

Ano XXVIII nº 274 - Março 2026

Director:

Manuel Silvío de Abreu Almeida

Conselho de redacção:

Severiano Antonio de Oliveira;
Sílvia Gabriela Panez;
Marcos Aurelio Chacaliaza C.

Proprietário e Editor:

Associação dos Custódios de Maria
NIPC: 501141812

Sede do Editor/Sede da Redacção:

Av. João XXI, 11 - 1º Esq.
1000-298 Lisboa
N.º ERC. 120.975
Dep. Legal nº 112719/97
ISSN 3051-6757

Periodicidade mensal

Tel: 212 338 950 / Fax: 212 338 959

E-mail: pedidos@custodiosdemaria.pt

Estatuto Editorial disponível em
<http://custodiosdemaria.pt/flashedefatima/estatuto.pdf>

Assinatura anual: 24 euros

Impressão e acabamento:

Multiponto, S.A.
Rua da Fábrica, 260
4585-013 Baltar - Paredes

Os artigos desta revista poderão ser reproduzidos, desde que se indique a fonte e se envie cópia à Redacção. O conteúdo das matérias assinadas é da responsabilidade dos respectivos autores.

Membro da



Associação de Imprensa de
Inspiração Cristã

Tiragem: 10.000 exemplares

SUMÁRIO

➤ PERGUNTAM OS LEITORES	4
➤ EDITORIAL	
Graça e Segredo de Maria	5
➤ A VOZ DOS PAPAS	
Filhos e amigos de Deus	6
➤ A LITURGIA DOMINICAL	
As tendas de Pedro	8
A água da vida	9
A Deus ninguém engana	10
O verdadeiro abandono nas mãos de Deus	11
Não endureçamos nossos corações	12
➤ EXEMPLOS QUE ARRASTAM	
Um "não" de Deus, que se tornou uma gesta	13
➤ TESOUROS DE MONS. JOÃO	
Elevação à vida divina	14
➤ TEMA DO MÊS – A GRAÇA DIVINA	
O organismo sobrenatural –	
Nova vida, novo modo de agir	18
As graças atuais – Tudo é graça!	20
➤ O QUE DIZ O CATECISMO?	
Precisamos pedir graças?	23
➤ ESPIRITUALIDADE CATÓLICA	
A vida mística do cristão –	
No exílio... prelúdio do convívio celeste! ...	24
➤ SÃO TOMÁS ENSINA	
A eficácia da graça constrange o livre-arbítrio?	27
➤ UM PROFETA PARA OS NOSSOS DIAS	
Nossa Senhora na luta	
Revolução e Contra-Revolução	28
➤ VIDA DOS SANTOS	
São João Ogilvie – Mártir da fé, do Papado e do celibato sacerdotal	32
➤ DONA LUCILIA – LUZES DE UMA MATERNAL INTERCESSÃO	
Pronta solução para um complexo problema	36
➤ ARAUTOS NO MUNDO	40
➤ HISTÓRIA, MESTRA DA VIDA	
A insurreição vandeana –	
A vitória dos vencidos	44
➤ VOCÊ SABIA... ..	47
➤ ENSINAMENTOS BÍBLICOS	
José do Egito – Escravidão que liberta, liberdade que escraviza	48
➤ TENDÊNCIAS E MENTALIDADES	
Virtudes antagónicas ou complementares? ..	50



Paulo Kenji

14 Participamos da natureza de Deus... Como?!



Reprodução

27 A onipotência divina tolhe a liberdade humana?



Timothy Ring

28 A Mãe da Divina Graça é a Rainha da História



Reprodução

44 Quando simples camponeses desafiaram a Revolução

Envie suas perguntas para o Pe. Ricardo, pelo e-mail:
perguntamosleitores@arautos.org



Pe. Ricardo José Basso, EP

Não gosto de usar esta palavra, mas na falta de uma melhor... Seriam algumas pessoas "predestinadas" a serem santas desde o começo? Sei que Deus tem algumas preferências: Ele ama muito mais a Virgem Maria do que a mim, ama muito mais São José do que a mim, ama muito mais a Ir. Dulce do que a mim... Será que, nas muitas moradas celestes, estarei designado a ter apenas uma "choupana"? Gostaria de tentar compreender um pouco mais.

André Moraes – Via e-mail

Caro André, a sua pergunta é excelente. Santa Teresinha do Menino Jesus deparou-se com idêntica dúvida: "Durante muito tempo perguntava a mim mesma por que Deus tinha preferências, por que não recebem todas as almas o mesmo grau de graças" (*Manuscrito A*, 2f).

Quer saber qual foi a resposta que ela encontrou? Logo a veremos. Por ora, voltemos à sua pergunta. Pelo que você descreve, podemos discernir uma tentação do demônio para lhe desanimar: "Ter apenas uma 'choupana'?" Haverá choupanas no Céu?...

O Apocalipse resolve esse problema, pois afirma que a Jerusalém Celeste é toda feita de pedras preciosas magníficas, com esplendores que não podemos imaginar. Ali os Anjos cantam sem cessar um cântico novo, e os justos se alegram sempre na presença de Deus; não há choro nem dor (cf. Ap 21).

Nesta terra, sobretudo no mundo moderno, vivemos entre competições, comparações e invejas. No Céu tudo é diferente: poderia chamar-se o Reino da admiração, onde uns se rejubilam pelo bem dos outros. Afinal, somos "um só corpo" (Rm 12, 5) e, "quando um membro é honrado, todos se alegram com ele" (I Cor 12, 26).

Se algumas pessoas recebem de Deus mais do que outras, ou são mais amadas por Ele, não há nisso injustiça alguma. O Senhor criou-nos gratuitamente, tirando-nos do nada por um enorme ato de amor, e dando-nos a promessa de uma felicidade eterna, um prêmio "demasiadamente grande" (Gn 15, 1).

Assim, diante da superioridade de Nossa Senhora e de outros Santos, a reação dos bem-aventurados é de contentamento e não de tristeza, pois a grandeza de quem está acima

proclama a magnificência d'Aquele que criou a todos. Um penitente como Santo Agostinho se alegrará por toda a eternidade com a inocência intocada de Santa Teresinha, a qual cantará a bondade de Deus por tirar do lodo um tal pecador, fazendo dele um dos faróis da Santa Igreja.

Munidos desses pressupostos, consideremos agora as palavras da Santa de Lisieux:

"Jesus [...] pôs diante dos meus olhos o livro da natureza, e compreendi que todas as flores que Ele criou são belas, que o esplendor da rosa e a alvura do lírio não impedem o perfume da pequena violeta ou a simplicidade encantadora da margaridinha... Compreendi que se todas as florzinhas quisessem ser rosas a natureza perderia seu adorno primavera-veril. [...]"

"Assim é no mundo das almas, o jardim de Jesus. Ele quis criar os grandes Santos, que podem ser comparados aos lírios e às rosas, e criou também Santos menores, e estes devem contentar-se em ser margaridas ou violetas destinadas a alegrar os olhares de Deus. [...] A perfeição consiste em fazer sua vontade, em ser aquilo que Ele quer que sejamos... Compreendi também que o amor de Nosso Senhor se revela tanto na alma mais simples, que em nada resiste à sua graça, como na alma mais sublime" (*Manuscrito A*, 2v).

E ela conclui, dizendo: "Assim como o sol ilumina ao mesmo tempo os cedros e cada florzinha, como se ela fosse única sobre a terra, assim Nosso Senhor Se ocupa particularmente de cada alma como se não houvesse outra igual" (*Manuscrito A*, 3f).

Por fim, André, posso dar-lhe um conselho? Seja muito devoto de Nossa Senhora! Ponha-se em suas mãos, pois Ela o guiará maternalmente nas vias da santidade. ✠



GRAÇA E SEGREDO DE MARIA

Quando usada pela Teologia, a palavra graça possui uma panóplia de significados. No hebraico indica a inclinação cheia de benevolência sobre alguém. O termo grego *kháris* expressa quer o fascínio da beleza, quer o favor, o benefício ou o reconhecimento. O latim *gratia* ainda acrescenta, pelo étimo, os sentidos de gratuidade e de agradecimento.

As epístolas paulinas representam o ápice da Teologia sobre a graça. Tão elevadas são as considerações do Apóstolo, que São Pedro admite ter ele escrito “alguns pontos difíceis de entender” (II Pd 3, 16), conforme a sabedoria que lhe foi dada. Para São Paulo, a sabedoria de Deus está encoberta, pois traz consigo profundezas penetráveis apenas pelo próprio Paráclito (cf. I Cor 2, 6-10).

Partindo desse fundamento bíblico, os escolásticos definiram a graça como a participação na vida divina, mas parecia que faltava algo... Com efeito, como desvendar os mistérios da graça?

Já nos respondeu São Gabriel ao saudar sua Rainha: “Ave, cheia de graça!” (Lc 1, 28). É a única passagem em toda a Escritura na qual um espírito angélico se dirige a alguém não por seu nome, mas por um título, expressando uma realidade que, no original grego, torna-se ainda mais perceptível: diante de Deus, o nome da Virgem é *cheia de graça*.

Com essa saudação o Arcanjo prefaciava o momento, entre todos sublime, em que a divindade unir-se-ia à humanidade na Pessoa do Filho, realizando no seio de Maria a união hipostática, graça por superexcelência que São Tomás qualifica de “infinita, pois a própria Pessoa do Verbo é infinita” (*Suma Teológica*, III, q.7, a.11). Nossa Senhora tornava-Se assim o trono da graça, onde habitou Jesus Cristo, de onde Ele partiu para remir o universo e de onde Ele quer reinar.

A Mãe de Deus portou em Si a graça das graças, o Verbo feito carne, e, assumindo o papel de medianeira, a entregou ao mundo como remédio para os seus crimes. Mas os homens, ao longo dos milênios, a têm rejeitado... E por isso mesmo precipitam-se ainda mais profundamente nos abismos de que haviam saído. Faz-se necessário então o advento de graças novas, e elas sobrevirão, como outrora, do Coração de Maria, no qual habitam graças inéditas, concedidas apenas à predileta de Deus.

Nesse sentido, São Luís Grignon de Montfort refere-se ao Segredo de Maria, que revelaria um conhecimento mais especial da Santíssima Virgem e das maravilhas operadas por Deus n’Ela. Para encontrar a graça divina, é preciso encontrar a Mãe de Deus, pois foi Ela quem encontrou graça diante do Senhor. Como indaga o Santo mariano, “não é justo que a graça retorne a seu Autor, afirma São Bernardo, pelo mesmo canal por meio do qual ela nos veio?” (*Segredo de Maria*, n.35).

Esse segredo não consiste simplesmente em atos externos, mas antes de tudo numa atitude interna, de modo a se realizar todas as coisas com Maria, em Maria, por Maria e para Maria, e assim estabelecer a própria vida d’Ela na alma.

Certos, pois, de que sem a graça nada podemos, e seguros da onipotência suplicante da Santíssima Virgem, “aproximemo-nos confiadamente do trono da graça, a fim de alcançar misericórdia e achar a graça de um auxílio oportuno” (Hb 4, 16). ✚



Nossa Senhora
das Graças -
Basílica de Nossa
Senhora do
Rosário,
Caieiras (SP)

Foto: Leandro Souza



Filhos e amigos de Deus

Pelo dom da graça, o homem é introduzido na realidade sobrenatural da própria vida divina e torna-se habitação do Espírito Santo, templo vivo de Deus. Pelo Espírito Santo, o Pai e o Filho vêm a ele e fazem nele a sua morada.

DESDE O PRINCÍPIO, CHAMADOS À ORDEM DA GRAÇA

O Livro do Gênesis revela-nos não só a ordem natural da existência, mas ao mesmo tempo, desde o princípio, a ordem sobrenatural da graça. [...] O homem é chamado à familiaridade com Deus, à intimidade e amizade com Ele. Deus quer estar perto dele. Quer torná-lo participante dos seus desígnios. Quer torná-lo participante da sua vida. Quer torná-lo feliz da sua mesma felicidade. [...]

Sabemos que o primeiro homem, que desfrutava da inocência original e de uma especial vizinhança com o seu Criador, não demonstrou essa disponibilidade. A primeira aliança de Deus com o homem foi interrompida, mas não cessou da parte de Deus a vontade de salvar o homem. Não se desfez a ordem da graça.

SÃO JOÃO PAULO II.
Audiência geral, 13/12/1978

ADMIRÁVEL RESTAURAÇÃO DO PLANO DIVINO

O Filho de Deus fez-Se homem – explica Santo Atanásio – para que nós, homens, pudéssemos ser divinizados. [...]

A divinização não tem nada a ver com a autodeificação do homem. Pelo contrário, a divinização nos protege da tentação primordial de querer ser como Deus (cf. Gn 3, 5). O que Cristo é por natureza, nós nos tornamos por

graça. Através da obra da Redenção, Deus não só restaurou a nossa dignidade humana como imagem de Deus, mas Aquele que nos criou de forma maravilhosa nos tornou participantes, de forma ainda mais admirável, da sua natureza divina (cf. II Pd 1, 4).

LEÃO XIV.
In unitate fidei, 23/11/2025

PELO BATISMO SE ALCANÇA A GRAÇA

O nome de Cristo é muito útil para obter a fê e a santificação operada pelo Batismo, tanto assim que cada um que, onde quer que seja, tenha sido batizado no nome de Cristo alcança imediatamente a graça de Cristo.

SANTO ESTÊVÃO I.
Carta aos Bispos da Ásia Menor, ano 256: DH 111

VIDA DA GRAÇA, PLENITUDE DE VIDA

Tudo o que tem início na terra cedo ou tarde termina, como a erva do campo, que desponta de manhã e murcha ao anoitecer. Mas no Batismo o pequeno ser humano recebe uma vida nova, a vida da graça, que o torna capaz de entrar em relação pessoal com o Criador, e isto para sempre, para toda a eternidade. [...]

Todos sentimos, todos percebemos interiormente que a nossa

existência é um desejo de vida que invoca uma plenitude, uma salvação. Esta plenitude de vida é-nos dada no Batismo.

BENTO XVI.
Homilia, 13/1/2008

VIVER EM DEUS E DE DEUS

Pelo dom da graça, que vem do Espírito Santo, o homem entra numa vida nova, é introduzido na realidade sobrenatural da própria vida divina e torna-se habitação do Espírito Santo, templo vivo de Deus. Com efeito, pelo Espírito Santo, o Pai e o Filho vêm a ele e fazem nele a sua morada.

Na comunhão de graça com a Santíssima Trindade dilata-se o espaço vital do homem, elevado ao nível sobrenatural da vida divina. O homem vive em Deus e de Deus, vive segundo o Espírito e ocupa-se das coisas do Espírito.

SÃO JOÃO PAULO II.
Dominum et vivificantem, 18/5/1986

ALTÍSSIMA DIGNIDADE DO HOMEM REDIMIDO

Se contemplarmos a dignidade da pessoa humana à luz das verdades reveladas, não poderemos deixar de tê-la em estima incomparavelmente maior. Trata-se, com efeito, de pessoas remidas pelo Sangue de Cristo, as quais com a graça se tornaram

filhas e amigas de Deus, herdeiras da glória eterna.

SÃO JOÃO XXIII.
Pacem in terris, 11/4/1963

UM NOVO ORGANISMO INTERIOR

Toda a vida cristã se desenvolve na fé e na caridade, na prática de todas as virtudes, segundo a ação íntima desse Espírito renovador, do qual procede a graça que justifica, vivifica e santifica; e com a graça procedem as novas virtudes, que constituem o tecido da vida sobrenatural.

Trata-se da vida que se desenvolve não apenas pelas faculdades naturais do homem – inteligência, vontade, sensibilidade –, mas também pelas novas capacidades adquiridas – *superadditæ* – por meio da graça, como explica São Tomás de Aquino. Elas dão [...] a todas as potências da alma, e de algum modo também do corpo, a possibilidade de participar da nova vida com atos dignos da condição de homens elevados à participação da natureza e da vida de Deus mediante a graça: “*consortes divinæ naturæ*”, como afirma São Pedro (II Pd 1, 4).

É como um novo organismo interior, no qual se manifesta a lei da graça: lei escrita nos corações, mais do que em tábuas de pedra ou em códices de papel.

SÃO JOÃO PAULO II.
Audiência geral, 3/4/1991

NECESSIDADE DE COOPERAR COM A GRAÇA DE DEUS

Ninguém pode negar que o Divino Espírito de Cristo é a única fonte donde deriva toda a energia sobrenatural na Igreja e nos membros, pois que, como diz o salmista, “o Senhor concede a graça e a glória” (Sl 83, 12). Contudo, o perseve-

rar constantemente nas obras de santidade, o progredir fervorosamente na graça e na virtude, o esforçar-se generosamente por atingir o vértice da perfeição cristã, enfim, o excitar, na medida do possível, os próximos a conseguí-la, tudo isso não quer o Celeste Espírito realizá-lo, se o homem não faz, dia a dia, com energia e diligência, o que está ao seu alcance. “Os benefícios divinos”, diz Santo Ambrósio, “não se fazem aos que dormem, mas aos que velam”.

Se neste nosso corpo mortal os membros se desenvolvem e robustecem com o exercício cotidiano, muito mais, sem dúvida, sucede no corpo social de Cristo, cujos membros gozam de liberdade, consciência e modo próprio de agir. Por isso o que disse: “Vivo, não já eu; mas Cristo vive em mim” (Gal 2, 20), esse mesmo não duvidou afirmar: “A sua graça [de Deus] não foi em mim estéril, mas trabalhei mais que todos eles; se bem que não eu, mas a graça de Deus comigo” (I Cor 15, 10).

PIO XII. *Mystici Corporis Christi*, 29/6/1943

Através da obra da Redenção, Deus não só restaurou a nossa dignidade humana como imagem d’Ele, mas nos tornou participantes de forma ainda mais admirável da sua natureza divina

“Batismo de São Francisco”, por Antonio Viladomat - Museu Nacional de Arte da Catalunha, Barcelona (Espanha)

CONDIÇÃO PRIMEIRA E FUNDAMENTAL

A oração é a condição primeira e fundamental da colaboração com a graça de Deus. É necessário rezar para ter a graça de Deus – e é necessário rezar para poder cooperar com a graça de Deus.

Tal é o verdadeiro ritmo da vida interior do cristão.

SÃO JOÃO PAULO II.
Angelus, 4/7/1982

A HISTÓRIA ESPERA PELOS VERDADEIROS FILHOS DE DEUS

A criação espera com impaciência a revelação dos filhos de Deus, para se tornar livre e alcançar o seu esplendor.

Queridos amigos, nós queremos ser estes filhos de Deus que a criação espera, e podemos sê-lo porque no Batismo o Senhor nos tornou assim. Sim, a criação e a História esperam por nós, contam com homens e mulheres que realmente sejam filhos de Deus e se comportem de modo consequente.

BENTO XVI.
Homilia, 3/6/2006





As tendas de Pedro



✠ Diac. Francisco Javier de Oyarzábal Gutiérrez-Barquín, EP

*Como outros
“Pedros”,
muitas vezes
preferimos
construir
nossas
próprias
tendas neste
mundo, a nos
tornarmos
templos onde
Deus possa
habitar*

Três Apóstolos e dois profetas ante Deus feito Homem, que no alto do Monte Tabor mostra-Se em todo o seu esplendor. Eis a cena grandiosa e sublime da Transfiguração! Espetáculo inabarcável, que teve como testemunhas terrenas Pedro, Tiago e João, e como representantes dos bem-aventurados os grandes Moisés e Elias: “E foi transfigurado diante deles; o seu rosto brilhou como o sol e as suas roupas ficaram brancas como a luz” (Mt 17, 2).

Em meio à sublime visão e atraído irresistivelmente por ela, o impetuoso Pedro exclama: “Senhor, é bom ficarmos aqui. Se queres, vou fazer aqui três tendas: uma para Ti, outra para Moisés, e outra para Elias” (Mt 17, 4). Mas logo se fez ouvir a voz do Pai, mudando a coragem do Príncipe dos Apóstolos em dúvida e temor, por verem desfeitos seus planos tão humanos quanto distantes da vontade divina.

Caindo, pois, com o rosto em terra, e assim prostrado junto aos “filhos do trovão” (Mc 3, 17), ele deve ter recordado no mais íntimo do coração a reprimenda do Mestre: “Afasta-te de Mim, Satanás, porque teus sentimentos não são os de Deus, mas os dos homens” (Mc 8, 33). O temor invadiu então a alma de Pedro, como a dos filhos de Zebedeu, até o momento em que Nosso Senhor lhes disse: “Levantai-vos e não tenhais medo” (Mt 17, 7).

De fato, não era a primeira vez que o temor pervadia o interior dos Apóstolos. Lembremos, entre outras,

a passagem do Lago de Genesaré, quando eles tremeram ao ver o Divino Mestre andando sobre as águas enquanto tentava os acalmar, dizendo: “Tranquilizai-vos, sou Eu; não vos assusteis!” (Mc 6, 50).

Por que tremer diante d’Aquele que tanto os amava e que viera para os salvar, prometendo-lhes seu próprio Reino?

Porque, assim como Pedro, os outros Apóstolos ainda procuravam o Senhor e seu Reino pelo mundo afora, nas glórias mundanas e nas preocupações materiais, quando deveriam fazê-lo em suas próprias almas: “O Reino de Deus está dentro de vós” (Lc 17, 21).

Com efeito, sempre que alguém se deixa abater pelo infortúnio, permitindo que o medo e a falta de confiança em Deus invadam sua alma, é porque, qual outro Simão Pedro, ele tirou Nosso Senhor do centro, para fazer as “tendas” do egoísmo, do capricho e da ambição.

Jesus Cristo não necessitava das três tendas de Pedro, pois os templos que Ele procurava já estavam ali: eram os próprios Apóstolos! O que desejava então o Salvador? Apenas habitar em suas almas, a fim de que eles se tornassem seus instrumentos para a instauração de sua aliança eterna, assim como outrora Deus estabelecera, por meio de Moisés, a Arca da Aliança na Tenda da Reunião.

Cabe a nós nos perguntarmos: prefiro eu construir minha tenda neste mundo ou ser um templo onde Deus possa habitar? ✠



Francisco Lecaros

Transfiguração, por Pedro Serra -
Retábulo do Espírito Santo, Basílica
Colegiada de Santa Maria
da Aurora, Manresa (Espanha)

A água da vida



✠ Pe. Dartagnan Alves de Oliveira Souza, EP

O Evangelho nos narra que era cerca de meio-dia quando Jesus, cansado da viagem, sentou-se à beira do poço de Jacó. Vendo aproximar-se uma samaritana que vinha tirar água, pediu-lhe: “Dá-Me de beber”.

Dada a inimizade existente entre judeus e samaritanos, e tendo ela reconhecido ser Nosso Senhor do povo eleito, a mulher surpreendeu-se de que Ele lhe dirigisse a palavra. O Mestre, então, respondeu: “Se tu conhecesses o dom de Deus e quem é que te pede: ‘Dá-Me de beber’, tu mesma Lhe pedirias a Ele, e Ele te daria água viva” (Jo 4, 10).

Depois de questioná-Lo sobre como poderia dar-lhe água se sequer possuía um balde para retirá-la, a samaritana O ouviu fazer revelações sobre sua vida e compreendeu que estava diante do Messias, apressando-se em ir chamar outros membros do seu povo, que também acreditaram n’Ele.

Detendo-Se junto ao poço de Jacó, Nosso Senhor aguardou que lá chegasse a alma que Ele desejava salvar, embora aquela mulher, ao dirigir-se ao local num horário que outras pessoas não iam até lá – a fim de não causar escândalo com sua presença, pois vivia em estado de pecado –, sequer poderia imaginar que a verdadeira Fonte da Vida ali a esperava.

Quantos de nós, envergonhados por nosso proceder e esquecidos de que Jesus veio a este mundo para iluminar os que caminham entre as trevas (cf. Is 9, 1), também duvidamos quando Ele Se apresenta para nos saciar!

A água viva prometida pelo Divino Redentor é aquela que aplaca a sede provocada pelas paixões mundanas, a qual leva a alma a desejar mais e mais da fonte do pecado, sem nunca satisfazer seus apetites desregrados.

O pecado atrai o homem que, sempre sedento, murmura contra Deus, como outrora o povo da Aliança contra Moisés: “Por que nos fizeste sair do Egito? Para nos fazer morrer de sede?” (Ex 17, 3). Como se fosse do Senhor, e não de nossas más ações, a culpa pelas consequências de nossos pecados!

Com razão afirma Santo Agostinho: “Fizeste-nos para Ti, Senhor, e inquieto está nosso coração até que repouse em Ti”.¹ Assim, esta Liturgia nos convida a buscar na Fonte da Vida a água que sacia a alma, rejeitando a água das paixões que corrompem o interior do homem e o afastam da felicidade eterna.

Instada pelo Divino Mestre a receber a água da vida, a samaritana foi convidada a abandonar o pecado. Da mesma forma cada um de nós, ao recebermos o Redentor, não podemos alimentar o desejo de servir a Deus e continuar vivendo em conformidade com o espírito do mundo.

Nossa grande decisão nesta Quaresma deve ser a de rejeitar o pecado, para termos nossa sede saciada pela água viva. E, para chegarmos a ela, basta suplicarmos àquela que é Mãe, Maria Santíssima, e que pode nos levar diretamente à Fonte da qual jorra a água da vida eterna. ✠

*Instada
pelo Divino
Mestre a dar-
Lhe de beber,
a samaritana
recebe, ela
mesma, a
água da vida
eterna*

¹ SANTO AGOSTINHO. *Confessionum*. L.I, c.1, n.1.



Jesus com a samaritana - Museu de Arte e Arqueologia, Valence (França)

A Deus ninguém engana



Pe. César Javier Díez Juárez, EP

O 4º Domingo da Quaresma é chamado Domingo *Lætare* – isto é, “Alegrai-vos” – pois, transcorrida mais da metade desse tempo penitencial, a Igreja nos proporciona um curto lenitivo a fim de pregustarmos as graças da Redenção que se aproxima, anunciada pela antífona de entrada: “Alegrai-vos com Jerusalém, regozijai-vos todos vós que a amais”.

Mas esta é uma alegria que só poderemos alcançar se adequarmos nossos critérios aos de Deus. E por isso a Liturgia nos convida a estarmos vigilantes para nunca nos enganarmos, seguindo as normas e superficialidades do mundo. As leituras nos mostram um claríssimo contraste entre a aparência e a verdade do coração, a luz e as trevas, a cegueira física e a cegueira espiritual.

Na primeira leitura, Deus quer educar seu profeta e o adverte a não se fixar nas exterioridades, pois “o Senhor olha o coração” (I Sm 16, 7). E Samuel adapta-se à sua vontade.

São Paulo nos exorta, na segunda leitura, a discernir o que agrada ao Altíssimo, desmascarando as obras das trevas e nos separando delas (cf. Ef 5, 11). Somente assim daremos frutos próprios a filhos da luz: bondade, justiça, verdade (cf. Ef 5, 9).

O Evangelho confronta a atitude dos fariseus – que veem o mundo material, mas nada enxergam no campo sobrenatural – com a de um mendigo cego de nascimento, a quem Nosso Senhor não só restitui a vista física, como concede a vista espiritual.

Diante do povo, souberam os fariseus rodear-se de um aparente halo de virtude e de justiça que não correspondia ao seu interior, artifício que os tornou cegos de coração e os impediu de se adaptarem aos critérios divinos. Assim, acabam por julgar os milagres realizados por Nosso Senhor como transgressões à Lei mosaica (cf. Jo 9, 16).

O cego de nascença, pelo contrário, graças à retidão de seu coração defende Aquele que o curou e dá um testemunho corajoso diante dos fariseus, sem respeito humano nem medo de ser punido com a pena de exclusão da comunidade judaica: “Se

este Homem não viesse de Deus, não poderia fazer nada” (Jo 9, 33).

Essa atitude de filho da luz foi recompensada por Jesus, que lhe abriu os olhos da fé para que, prostrando-se diante d’Ele, O reconhecesse como o Messias esperado.

Os exemplos que as leituras nos oferecem são para nós uma boa ocasião para fazer um sério exame de consciência e, dessa forma, enfrentar a segunda etapa da Quaresma perguntando-nos: Procuro adequar aos princípios morais da Igreja o meu modo de viver? Qual é minha

atitude quando esses princípios ferem os meus costumes? Prefiro não os conhecer em profundidade, para que assim minha consciência não me acuse?

Sejamos como o profeta Samuel e deixemo-nos educar pelo Divino Mestre; abandonemos tudo quanto dificulta nossa união com Ele, sejam costumes, critérios, respeitos humanos... Então poderemos nos regozijar verdadeiramente e usufruir das graças próprias deste Domingo *Lætare*. ✠



Profeta Samuel, por Claude Vignon - Museu de Belas Artes, Rouen (França)

Deus vê o interior; preparemo-nos nesta Quaresma para ter um coração reto, cheio de intenções que Lhe sejam agradáveis

O verdadeiro abandono nas mãos de Deus

Pe. Leandro Cesar Ribeiro, EP



Se tivéssemos a possibilidade de reescrever a História, seria ela análoga à que foi escrita por Deus? Provavelmente não, pois Ele tem desígnios insondáveis que muitas vezes resultam de difícil compreensão para a nossa limitada inteligência... Quantas vezes ouvimos o provérbio de que “Deus escreve certo por linhas tortas”? Na verdade, o Senhor escreve sempre certo por linhas certas; nós é que vemos torto. Tudo o que Ele faz, por mais que pareça incompreensível à primeira vista, esconde maravilhas de sua infinita sabedoria.

Um exemplo de tal realidade encontramos no Evangelho deste 5º Domingo da Quaresma, no qual é relatado o maior milagre, depois de sua própria Ressurreição, realizado por Nosso Senhor: a ressurreição de Lázaro. Se nos fosse dada a graça de estar presentes naquele sublime acontecimento com a possibilidade de reescrevê-lo a nosso critério, sem dúvida as coisas ter-se-iam passado de maneira muito menos gloriosa.

Imaginem a aflição de Marta e Maria ao ver a morte se aproximar de seu irmão doente e, tendo elas chamado Nosso Senhor, os dias se passarem sem que o Mestre as atendesse. Quantos desconhecidos eram curados por Jesus, e inexplicavelmente Ele Se recusava a assistir um de seus melhores amigos... Se pudéssemos dar rumo aos acontecimentos, é bem provável que o Redentor o teria curado à distância ou, ao menos, Se apressado em ir até ele.

Não foi o que aconteceu. Jesus deixou passarem-se os dias e esperou que seu amigo morresse, não porque o desprezasse, mas para ter a possibilidade de manifestar a plenitude de seu amor por ele. Para Lázaro não estava reservado apenas um milagre, e sim o maior dos milagres: o Salvador o tiraria do sono da morte depois de quatro dias, manifestando como nunca a sua divindade.

Essa atitude de Nosso Senhor se repete com frequência nas nossas vidas. Em muitas ocasiões os

acontecimentos não seguem a direção que esperamos, e às vezes inclusive rumam em sentido diametralmente oposto. Como reajo diante desses reveses? Aceito com entusiasmo o desígnio de Deus, ou a minha atitude é de revolta por Ele não fazer a minha vontade?

A humanidade hodierna vive afastada do Senhor, e por isso resulta cada vez mais difícil se conformar aos desígnios d’Ele. Quantas patologias contemporâneas teriam sua cura simplesmente se as pessoas aceitassem com amor a vontade divina? As maravilhas que Deus reserva para cada um de nós são extraordinárias, mas nem sempre consonam com nossos anseios imperfeitos, frutos de uma vontade desordenada.

Para cumprirmos de fato o nosso chamado, devemos ter a humildade de aceitar o desígnio do Alto a nosso respeito, e não buscar realizar o que concebemos segundo nossos critérios. Agindo assim estaremos nas mãos de Deus e teremos encontrado o caminho da verdadeira felicidade. ✚

*Se a cura
de Lázaro
dependesse de
nós, teríamos
procedido
como Nosso
Senhor?
Certamente
não, e tudo se
passaria de
modo menos
glorioso!*

“Ressurreição de Lázaro”, por Duccio di Buoninsegna - Museu de Arte Kimbell, Fort Worth (Estados Unidos)



Reprodução

Não endureçamos nossos corações

✠ Pe. Francisco Berrizbeitia Hernández, EP



O contraste entre as aclamações do Domingo de Ramos e os gritos de condenação proferidos poucos dias depois nos lembra que a superficialidade não pode deitar raiz em nossas almas

A Liturgia do Domingo de Ramos, com sua procissão e Missa, nos apresenta dois Evangelhos nos quais se confrontam a glória e a Paixão de Cristo, convidando-nos a meditar nesses altos mistérios como preparação para o Tríduo Pascal.

Nosso Senhor escolhe a Cidade Santa como palco para os dramáticos episódios da Redenção: “Enche-te de júbilo, ó filha de Jerusalém. Eis que o teu Rei vem a ti, justo e vitorioso; ele é humilde e vem montado sobre um jumento, sobre o potro de uma jumenta” (Zc 9, 9). Ali Jesus é recebido e aclamado ao som de cânticos e de louvores: “Hosana” – redenção, em hebraico¹ – “ao Filho de Davi! Bendito o que vem em nome do Senhor!” (Mt 21, 9). Alguns estendiam seus mantos, outros cortavam ramos de árvores e os espalhavam no caminho para manifestar sua alegria. O que os fariseus, doutores e autoridades do Sinédrio Lhe haviam negado, a multidão proclama, abalando a cidade até seus fundamentos.

Contudo, Jerusalém jazia nas trevas da mediocridade e do mundanismo. O Templo se tornara um covil de ladrões, o sacerdócio se dividira em

facções, o povo perdera a esperança na vinda do Messias. Queriam eles apenas um líder que os livresse do domínio romano e os fizesse senhores do mundo. Por essa razão passaram das aclamações do Domingo de Ramos para os gritos de condenação da Sexta-Feira Santa pois, como profetizou Isaías, eles tinham Deus em seus lábios, mas não em seus corações (29, 13).

O Evangelista nos relata um pormenor que não passa despercebido. Em duas oportunidades a Cidade Santa foi abalada pela presença do Messias. Por ocasião de seu nascimento, quando chegaram os Reis Magos perguntando: “Onde está o Rei dos judeus que acaba de nascer?” (Mt 2, 2). E no episódio que hoje celebramos: “Quando Jesus entrou em Jerusalém, a cidade inteira se agitou, e diziam: ‘Quem é este Homem?’ E as multidões respondiam: ‘Este é o profeta Jesus, de Nazaré da Galileia’” (Mt 21, 10-11).

A presença de Nosso Senhor era uma censura à incredulidade, aos vícios, ao endurecimento de coração daqueles judeus. E por isso apoiaram a conspiração de seus dirigentes. Mal sabiam eles que se desmascaravam, mostrando um ódio irracional e satânico. Com a morte do Redentor deu-se a autêntica separação: “A cortina do santuário rasgou-se de alto a baixo, em duas partes, a terra tremeu e as pedras se partiram. Os túmulos se abriram e muito corpos dos santos falecidos ressuscitaram” (Mt 27, 51-52). A figueira estéril foi arrancada e em seu lugar germinou a semente nascida do costado de Cristo: a Santa Igreja Católica.

Roguem os – pelos méritos da Paixão de Cristo e das dores de Maria Santíssima – a graça de estar sempre atentos ao que Eles nos pedem e jamais endurecermos nossos corações pelos ouropéis do mundo nem pela mediocridade do cotidiano. ✠



Entrada de Nosso Senhor em Jerusalém - Museu Nacional de Varsóvia (Polônia)

¹ Cf. SANTO HILÁRIO DE POITIERS. *Comentário al Evangelio de Mateo*, c.XXI, n.3. Madrid: BAC, 2010, p.265.

UM “NÃO” DE DEUS, QUE SE TORNOU UMA GESTA

A rota estava traçada: de Poitiers ele iria a Lyon; dali atravessaria o Piemonte para alcançar Bolonha, Rimini, Loreto e, por fim, a tão desejada Roma. E da Cidade Eterna passaria ao Canadá, ao Japão ou a qualquer outra parte remota do mundo onde não se tivesse ouvido falar de Jesus e de sua Mãe. O ardor apostólico de São Luís Maria Grignon de Montfort não encontrara caminho mais rápido e direto para atingir suas esperanças missionárias.

Era um caminho rápido e direto, sim, mas nem um pouco reto ou fácil. O jovem sacerdote estaria exposto aos assaltos dos homens e do clima, às humilhações, à pobreza mais afliitiva e à extenuação corporal e psicológica. Mas ele não se importava! O desprezo de clérigos, a desconfiança das populações, as noites transcorridas sob a luz fria das estrelas: nada disso o impediria de dirigir-se ao Santo Padre, para lhe falar da conquista do mundo pagão para a Santa Igreja. A França, sua pátria, não queria ouvi-lo; voltar-se-ia, então, para os gentios, para a imensa multidão dos povos por batizar.

Com tais propósitos o Pe. Luís Maria entrou, por fim, em Roma. Alguns dias depois, a 6 de junho de 1706, o Papa Clemente XI recebeu o peregrino e escutou com agrado

sua exposição fogosa. Ele falou ao Vigário de Cristo dos chineses que nunca tinham ouvido o Evangelho, dos Lugares Sagrados de Jerusalém que não possuíam condignos reverenciadores, do imenso Canadá que esperava mais pregadores...

Enquanto o Pe. Luís Maria discursava, o Romano Pontífice sorria,

portanto, a Lapônia, a Mongólia ou a Indonésia.

“Vós tendes, senhor”, respondeu o Papa ao final das palavras do Pe. Luís Maria, “um muito grande campo na França para exercer o vosso zelo; não precisais ir a outro lugar”. O sacerdote de fogo curvou a cabeça e, dobrando seu entusiasmo, obedeceu.

Deus havia posto no interior de São Luís Maria Grignon de Montfort ardentes anelos de lutar pela conversão das almas. E o Santo interpretara a voz divina como um chamado às missões distantes. Quando, porém, escutou a ordem do Santo Padre, não a tomou como oposta às promessas do Senhor. Antes, subjugou seu critério aos juízos inefáveis do Altíssimo. Havia ali algum grandioso e desconhecido desígnio.

Laçou-se, pois, com valentia no apostolado entre seus compatriotas, especialmente na Vandeia e na Bretanha. E, se lá vivesse até o fim do século, teria visto realizada a augusta intenção de Deus com aquele aparente engano.

Com efeito, foi apenas nessas regiões que a Revolução Francesa encontrou uma oposição destemida e organizada. Só do solo regado pelas pregações de São Luís é que brotou a resistência a essa irrupção de ateísmo que perseguiu a Igreja e expulsou Deus do altar. Só lá se escreveu uma épica e dolorosa gesta cristã. ✦



Subjugando seus próprios critérios, São Luís lançou-se com valentia no apostolado entre os seus compatriotas

Pregação de São Luís Grignon de Montfort - Igreja de São Pedro, Domagné (França)

porque via naquele homem um enviado da Providência para... a França, onde a heresia e o cisma grassavam. O jansenismo lá se instalara vigorosamente, apartando o povo fiel de Jesus-Hóstia, e o galicanismo ameaçava separar a nação francesa da Igreja romana. O campo de batalha não era,



Elevação à vida divina

A graça é um dom gratuito, um presente divino superior a toda a ordem natural criada. Por ela somos elevados do plano meramente humano, até a categoria de seres deificados.

✠ Mons. João Scognamiglio Clá Dias, EP

Lembro-me da primeira conversa de vida espiritual que tive com Dr. Plínio, em 1959, quando eu ainda era muito jovem e pedi a ele um conselho que me ajudasse a decidir qual carreira deveria seguir.

Dr. Plínio combinou de me atender às cinco horas da tarde, no seu escritório de advocacia. Quando lá cheguei, encontrei-o sentado numa poltrona do *hall* de entrada, conversando com dois senhores. Cumprimentamo-nos e ele me convidou a esperar na sala ao lado.

Entrei e comecei a acompanhar à distância a conversa, a qual versava a respeito de um tema que naquele tempo eu não conhecia, mas que despertou minha atenção: a graça.

Um mistério revelado pelo Homem-Deus

Discutiam eles se a graça pode ou não estar em objetos puramente materiais como, por exemplo, um ambiente como a *Sainte-Chapelle*, ou se ela é feita só para o homem e o Anjo, ou seja, para os seres racionais. E Dr. Plínio punha uma série de questões: “O que significa participar da natureza divina? Como se dá essa participação?” Até que um de seus interlocutores exclamou: “Plínio, assim não dá... Você quer desvendar todos os mistérios que existem!” Ele, porém, respondeu: “Não, eu quero levar o meu conhecimento até onde a inteligência humana possa compreender!”

Quando se é jovem os fatos marcam muito, e eu me lembro de ter pensado: “Um dia ainda vou estudar esse assunto, pois parece interessantíssimo!” De fato, o episódio me abriu os horizontes para depois explorar tema tão maravilhoso e fundamental, a ponto de muito mais tarde, no ano de 1990, Dr. Plínio ter várias conversas comigo para aprofundar a respeito.

“Participar da natureza divina”: esse ponto girou por sua mente a vida inteira. Ele tinha fé, mas queria obter uma resposta exata, porque desejava fazer exposições e até dar um curso sobre matéria tão central – que ele nunca tivera oportunidade de estudar em profundidade, por falta de tempo –, por saber que faria bem às almas.

Ora, a graça é um mistério completamente inacessível que, se não houvesse sido revelado pelo próprio Nosso Senhor Jesus Cristo no Novo

Testamento, ninguém seria capaz de esgravatar. E mesmo depois de revelado, paira ainda sobre ele uma certa sombra que não conseguimos penetrar: “Eu sou filho de Deus?...”

Enquanto estamos nesta terra importa, pois, preocuparmo-nos com os grandes horizontes do mundo sobrenatural e procurar passear pelas explicações feitas pela boa Teologia, até o limite em que ela chegou.

A cada natureza correspondem forças proporcionais...

O cristão está acostumado ao nome de “filho de Deus”, e seria quase uma ofensa negar-lhe esse título. Mas, na realidade, o fato de ser produzido por alguém não confere o direito de filiação. Um relojoeiro que fabrica um relógio ou um carpinteiro que confecciona móveis não podem chamar “filho” às obras de suas mãos. Para ser filho é necessário que o pai transmita, por via de geração natural, sua própria vida e natureza. Os filhotes de leão são leõezinhos, e os filhos dos homens são homens.

Sabemos que na ordem da natureza existem os minerais, os vegetais, os animais, os homens e os Anjos; e num patamar superior há o plano sobrenatural da graça e, depois, o da união hipostática. Contudo, acima de todo o criado está a natureza divina, que se define pela capacidade que Deus tem de entender-Se a Si mesmo como Ele é e de amar-Se na razão de sua deidade.

*A graça é um mistério
inacessível que, se
não houvesse sido
revelado pelo próprio
Nosso Senhor Jesus
Cristo, ninguém seria
capaz de esgravatar*

A natureza mineral se caracteriza pela perenidade; porém, é inanimada. A vegetal já possui um princípio vital e certo movimento à procura do sol, da água e de nutrientes. A natureza animal apresenta um grau a mais de vida, pois se define pela sensibilidade. A natureza humana, por sua vez, tem o uso da razão e da vontade. E a natureza angélica, dotada de grande inteligência e poder superior ao dos homens, distingue-se por ser puramente espiritual.

Em consequência, as forças de um ser estão proporcionadas à natureza que ele possui. Como poderíamos pedir a um animal que resolvesse um problema filosófico? Seria absurdo, pois ele jamais teria capacidade para isso! Assim também, as forças de um homem ou de um anjo nunca serão divinas, mas sempre puramente humanas ou angélicas.

...e um prêmio equivalente

Também o prêmio que se pode alcançar deve estar proporcionado às forças que o mereceram. Não teria sentido recompensar com uma condecoração intelectual os esforços físicos de traslado de peso operados por um elefante, pois o animal não poderia dele se beneficiar, uma vez que sua natureza não o comporta.

Do mesmo modo, o galardão que o homem possa vir a conseguir por suas ações naturais, ainda que cumpra com zelo e heroísmo todos os Mandamentos ou que passe pelos maiores tormentos e sacrifícios, nunca será um

prêmio divino nem terá absolutamente qualquer valor para a vida eterna,¹ pois sua mera natureza é incapaz de merecer nada na ordem sobrenatural.

O Céu consiste, antes de tudo, em ver a Deus face a face; e nenhum ser criado, nem mesmo um Anjo na sua mais plena potência, jamais teria possibilidade de conhecê-Lo e de gozar de sua visão, a não ser que um dom sobrenatural lhe fosse concedido.

Só a graça santificante nos eleva a essa felicidade que Deus teria reservada para Si, mas quis estender às criaturas racionais.

Conta-se o fato histórico de que Michelangelo, quando terminou a famosa escultura de Moisés, ficou tão embevecido com sua obra que deu uma martelada num dos joelhos da estátua, dizendo: “*Parla! Perché non parli?*” – Fala! Por que não fala?” O gênio da Renascença, tido como um dos maiores artistas da História, não pôde transferir sua natureza humana para o mármore que havia esculpido.

Deus, entretanto, Se entusiasmou, muito mais do que Michelangelo, com a imagem que Ele fez de Si e amou o homem sem medidas. Por isso, não Se contentou em deixá-lo na condição de

mera figura e quis transmitir-lhe sua própria natureza divina.

O que é a graça santificante?

Como Ele pode nos divinizar? Pela graça santificante, dom criado que, ao penetrar na alma, a eleva à categoria divina, pois santifica essencialmente os que a recebem.

Não houve um momento em que Adão e Eva, saídos das mãos de Deus, tenham permanecido como simples criaturas e fora do estado de graça. Segundo a doutrina católica, quando Deus soprou sobre o boneco de barro, já lhe infundiu as duas vidas, a natural e a sobrenatural. E o mesmo fez quando constituiu Eva da costela de Adão. Ambos, porém, pecaram e foi preciso que Cristo Nosso Senhor nascesse no presépio em Belém e operasse a Redenção, restabelecendo a vida sobrenatural pelos Sacramentos.

A graça é um dom gratuito, um presente divino superior a toda a ordem natural criada. Se somamos os topázios e demais pedras preciosas, os astros, as águias e tantos outros belos animais, os homens e os Anjos, todas essas criaturas juntas nada são se comparadas a uma “gota” de graça.

Somando todas as pedras preciosas, astros, animais, homens e Anjos, todas as criaturas juntas nada são se comparadas a uma “gota” de graça



Giles Laurent (CC by-sa 4.0)

Santiago Vileto

Alexander Kurilov (CC by-sa 4.0)

Assim afirma São Tomás: “O dom da graça excede toda a potência da natureza criada, porque não é outra coisa senão uma participação da natureza divina, que é superior a toda outra natureza”.²

Ferro ou fogo?

Para explicar o modo como se dá essa participação, o Doutor Angélico oferece um exemplo muito cogente: se tomamos uma barra de ferro em temperatura ambiente e a pomos durante certo tempo dentro de uma forja, ao retirá-la ela sai incandescente e até em chamas, a ponto de não se poder tanger o ferro com as mãos porque elas se queimariam como se tocassem diretamente o fogo. O que aconteceu? O fogo transmitiu seu calor ao ferro, e este, sem deixar de ser metal, adquiriu todas as propriedades do fogo.

Algo análogo sucede com a alma quando recebe a graça: ela continua inteiramente humana, mas lhe é acrescentada uma qualidade divina, que lhe dá uma participação real, autêntica e verdadeira na própria natureza de Deus; o que significa ter a possibilidade de vê-Lo como Ele Se vê, de amá-Lo como Ele Se ama e de gozar d’Ele como Ele goza de Si próprio. Por meio desse “raio” da graça, o Senhor nos eleva de plano, de modo que já não somos puras criaturas, mas passamos à categoria de seres deificados.

Scheeben, grande teólogo alemão do século XIX, assim resume essa verdade: a “natureza divina, pelo infinito poder de sua caridade, atrai a nossa, adota-a em seu seio pela graça, submergindo-a em si como no fogo se submerge o ferro. Pertencemos, então, à raça de Deus, como a palmeira pertence ao reino vegetal, e o leão ao animal”.³

Assim como, ao olharmos para uma árvore, logo compreendemos que ela faz parte da natureza vegetal ou, ao ver passar um cachorrinho, sabemos que este pertence ao reino animal; quando contemplamos alguém cuja alma está em graça, como, por exemplo, uma criança recém-batizada, devemos dizer: “Aqui está um santo. Este é divino, pertence ao Reino de Deus!”

Filhos de Deus...

Quais as consequências disso? Sem dúvida, o principal efeito da graça consiste em conferir a participação na natureza de Deus. Mas desta decorrem outras riquezas de grandíssima importância. Se, como acima comentamos, filho é quem recebe a mesma natureza do pai, aqueles que possuem a graça já podem dizer: “Somos filhos de Deus” (I Jo 3, 2).

Essa filiação divina por meio da graça não deve confundir-se com a filiação natural do Verbo no seio do Pai, pois apenas Nosso Senhor Jesus Cristo é gerado por natureza, conforme reza-mos no Credo ao chamá-Lo de Filho Unigênito. Nós, porém, somos filhos por adoção.

Contudo, o termo *filho adotivo* pode causar a impressão de tratar-se de uma mera adoção legal, cujo valor se compara àquela feita mediante um documento no cartório. Não é porque um menino alemão foi adotado por pais chineses que ele tomará a fisionomia e a mentalidade chinesas. A criança crescerá alemã e sempre continuará ao sê-lo no meio da família chinesa.

Com a graça dá-se algo muito mais efetivo: a partir do momento em que ela penetra na alma, faz com que esta tome a forma de Deus. E por isso a Teologia ensina ser ela uma participação *física e formal* na vida divina. A graça não é um traje posto sobre nosso corpo, mas uma qualidade que nos reveste por dentro e nos transforma.

Os teólogos procuram ilustrar esse mistério usando a seguinte imagem: trata-se de uma adoção tão profunda e intrínseca, que seria mais ou menos como se tirassem todo o sangue da criança e lhe injetassem nas veias o Sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo.

...e seus herdeiros

Outra consequência necessária de nossa filiação divina adotiva é que nos

*Como o ferro que
adquire as propriedades
do fogo ao ser posto
dentro da forja, assim
também a alma
torna-se divinizada
ao receber a graça*

À direita, detalhe de “Coroação da Virgem”,
por Fra Angélico - Galeria Uffizi, Florença (Itália)

tornamos herdeiros de Deus, conforme escreve São Paulo em sua Carta aos Romanos (cf. Rm 8, 17).

Voltando à metáfora do casal chinês, suponhamos que, ademais do alemãozinho adotado, eles tivessem dez filhos. Quando morressem os pais, seus bens seriam divididos entre os onze, restando uma parcela pequena e igual para cada um. Tal é a partilha da herança entre irmãos meramente humanos ou legais.

A herança divina se distribui de maneira bem diversa: como Deus não morre, e o que tem para nos dar é infinito, possuiremos com Ele uma herança tão rica que, apesar do imenso número de seus filhos, ela nunca sofrerá nenhuma diminuição, pois se trata do mesmo prêmio que Deus reserva para Si desde toda a eternidade: vê-Lo como Ele Se vê, e amá-Lo como Ele Se ama.

Por isso, ultrapassados os umbrais da morte, logo depois do Juízo veremos o Senhor face a face e gozaremos da felicidade absoluta de estar com Deus e em Deus, como Ele tem a felicidade de estar em Si e de ser quem é.

Atingiremos, então, a consumação do estado de graça, pois graça e glória são substancialmente a mesma vida, com apenas uma diferença de grau: a primeira em estado de semente – incoativo, conforme denomina a Teologia –, e a segunda em plenitude, tal como a criança é um adulto em germe. Nesse sentido, afirma São Tomás: “A graça não é outra coisa senão um começo da glória em nós”.⁴

Ademais, todas as nossas apetências se verão atendidas, tudo aquilo que desejamos e aspiramos será satisfeito.

Irmãos de Jesus Cristo

Há ainda muitos outros efeitos da graça santificante, tais como nos dar a vida sobrenatural, nos tornar justos e agradáveis a Deus, nos conferir a



Arquivo Revista

Mons. João em junho de 2005

*A graça santificante
nos une intimamente
a Deus, fazendo-nos
templos vivos da
Santíssima Trindade
e irmãos de Nosso
Senhor Jesus Cristo!*

capacidade de mérito sobrenatural, nos unir intimamente a Deus e nos fazer templos vivos da Santíssima Trindade. Mas há um ao qual São Paulo alude várias vezes em suas epístolas (cf. Rm 8, 17.29; Hb 2, 11) e que bastaria para nos deixar enlouquecidos de amor: somos irmãos de Nosso Senhor Jesus Cristo!

Imaginemos que alguém nos apresentasse a um príncipe de grande elegância e encanto. Certamente ficaríamos impressionados e o saudaríamos com muita deferência. Entretanto, a

nós é dado muito mais, pois nos relacionamos entre irmãos de Nosso Senhor Jesus Cristo. Como deveríamos nos querer bem e estar dispostos a fazer tudo pelos demais!

Isso seria suficiente para cada um de nós, encontrando-se com outro e sabendo que, pela misericórdia de Deus, este se mantém em estado de graça, o tratasse com profundo respeito e fizesse uma genuflexão diante dele por estar ali a vida divina. Amemo-nos, pois, uns aos outros, de coração e com ardor (cf. I Pd 1, 22). ✠

Excertos de exposições orais
proferidas entre os anos
de 1993 e 2006

¹ Cf. SÃO TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. I-II, q.114, a.2.

² Idem, q.112, a.1.

³ SCHEEBEN, Matthias Joseph. *As maravilhas da graça divina*. Petrópolis: Vozes, 1952, p.29.

⁴ SÃO TOMÁS DE AQUINO, op. cit., II-II, q.24, a.3, ad 2.

Nova vida, novo modo de agir

A graça santificante se desenvolve em nossas almas por meio das virtudes e dos dons do Espírito Santo, os quais constituem, junto com ela, o fundamento de nosso organismo sobrenatural.



✠ Larissa Saraiva Ferreira Guimarães

Desde os primórdios da criação, assemelhar-se a Deus foi um anelo profundo do homem, feito à sua imagem e semelhança. No entanto, o orgulho cegou nossos primeiros pais – e, neles, toda a humanidade –, deturpando em suas almas esse salutar anseio. Seus movimentos primevos de imitação do Senhor, com vistas à união com Ele, degeneraram na pretensão de igualar-se à divindade para emancipar-se dela. Surgiu então a Serpente e os fascinou com o convite: “Sereis como deuses” (Gn 3, 5).

Em seus insondáveis desígnios, porém, o Pai Celeste pôs novamente a nosso dispor, em virtude dos méritos infinitos da Redenção operada por Nosso Senhor Jesus Cristo, meios eficazes e superabundantes para chegar à verdadeira deificação. Esta se inicia em nós no momento do Batismo, quando nos é infundido na alma um autêntico organismo sobrenatural.

A uma nova vida corresponde um novo modo de atuar

Para compreender melhor tão sublime realidade, consideremos a própria vida natural do homem pois, apesar de a vida sobrenatural ser-lhe superior em grau infinito, “não lhe é simplesmente sobreposta, senão que por completo a penetra, transforma e diviniza”.¹ Podemos, assim, identificar entre ambas uma profunda analogia.

Na ordem natural, a alma é a fonte da vida. Entretanto, ela não é imediatamente operativa, ou seja, não realiza atos por si; para agir, serve-se de suas faculdades – entendimento, vontade e sensibilidade. Algo semelhante acontece na ordem espiritual: para desenvolver-se, a graça santificante precisa dos hábitos operativos – as virtudes e os dons do Espírito Santo –, os quais constituem, junto com ela, o fundamento de nosso organismo sobrenatural.²

Para usar uma imagem, assim como uma pessoa saudável possui, além da cabeça e do tronco, membros que lhe permitem movimentar-se e agir, a alma divinizada pela graça dispõe das virtudes e dons, os quais são como braços e pernas que dão a possibilidade de atuar, guardadas as devidas proporções, como o próprio Deus.

Em suma, enquanto recebemos pela graça santificante um novo modo de ser, pelas virtudes e dons adquirimos um novo modo de agir, isto é, a capacidade de produzir atos sobrenaturais e meritórios diante do Senhor.

As virtudes infusas: caminho para a santidade

“Com ela me vieram todos os bens, e nas suas mãos inumeráveis riquezas” (Sb 7, 11). Essa afirmação da Escritura, referente à sabedoria, bem pode ser aplicada à graça santificante, mediante a qual recebemos o tesouro magnífico das

virtudes. A doutrina católica divide-as em duas categorias: teologais e morais.

As virtudes teologais, que vivificam todas as demais, são três: fé, esperança e caridade. Elas dizem respeito à união com Deus, nosso fim último sobrenatural, e põem-nos em constante relacionamento com a Santíssima Trindade. Já no que toca à nossa relação com o próximo, entram em cena as belas virtudes morais, que a Teologia resume em quatro principais, denominadas cardeais: prudência, justiça, fortaleza e temperança. Elas nos permitem viver neste mundo conforme nossa altíssima condição de filhos de Deus, herdeiros do Reino celeste.

Ora, o modo de atuar das virtudes não é ainda o mais excelente, pois o que rege e regula o exercício delas é a razão do homem iluminada pela fé;³ e o concurso dessa nossa faculdade não é suficiente para manifestar todo o esplendor da vida divina que recebemos. Tal perfeição compete, pois, aos dons infusos.

Uma “harpa” tocada pelo Espírito Santo

Diferentemente do que se passa com as virtudes, quem age por meio dos dons é o Espírito Santo,⁴ deixando ao homem apenas um papel secundário. Assim, os atos resultantes dessas potências sobrenaturais têm um aspecto mais divino do que humano.

Ao contrário do que muitos pensam, as ações mais excelentes não são as



Reprodução

provenientes da ascética prática das virtudes, mas sim as que procedem dos dons, pois são obra de Deus, e a santidade consiste em deixar-se conduzir por essas moções divinas. Quem assim vive é perfeito em tudo como o Pai Celeste (cf. Mt 5, 48), e pode repetir como São Paulo: “Eu vivo, mas já não sou eu; é Cristo que vive em mim” (Gal 2, 20).

Um exemplo dado pelo Pe. Antonio Royo Marín, OP, ilustra bem a superioridade dos dons e como eles aperfeiçoam e completam as virtudes. Segundo o eminente teólogo, estas últimas assemelham-se a uma harpa dada à alma para que toque harmoniosas composições, que seriam os atos sobrenaturais. Explica ele: “Como o artista que a maneja – a razão natural – é muito desajeitado e míope, mesmo sob as luzes da fé, e o resultado é uma melodia desafinada e imperfeita. [...] Até que chega um momento em que o próprio Espírito Santo toca a harpa das virtudes infusas, por meio dos dons do mesmo Espírito Santo, e da alma emana uma melodia belíssima,

absolutamente divina, que não é outra coisa que os atos de virtude perfeita e heroica dos verdadeiros Santos”.⁵

Hábitos infusos e bem-aventuranças

Por isso, quando a alma é dócil às moções do Paráclito, ela produz atos de requintada virtude, quais doces e suaves frutos.⁶ Alguns deles são mencionados por São Paulo em sua Carta aos Gálatas: amor, alegria, paz, paciência, afabilidade, bondade, fidelidade, mansidão e temperança (cf. Gal 5, 22-23).

Por esses frutos também alcançamos as bem-aventuranças mencionadas por Nosso Senhor Jesus Cristo no Sermão da Montanha. Estas coroam a vida sobrenatural e, “em virtude das recompensas inefáveis que as acompanham, são já nesta vida uma antecipação da bem-aventurança eterna”.⁷

São Tomás de Aquino estabelece uma interessante correspondência entre as virtudes infusas, os dons do Espírito Santo e as bem-aventuranças evangélicas.

A virtude da caridade, por exemplo, é aperfeiçoada pelo dom de sabedoria, que nos inclui no número dos pacíficos, merecedores de serem chamados filhos de Deus (cf. Mt 5, 9). A esperança, por sua vez, aprimora-se pelo dom do temor, que nos faz pobres de espírito, possuidores do Reino dos Céus (cf. Mt 5, 3). E assim por diante.

Amor com amor se paga

Um atento olhar às maravilhas operadas por Deus em nosso favor no momento de nosso Batismo, é suficiente para deixar-nos pasmos de alegria, embevecimento e gratidão.

Ora, amor com amor se paga. O Senhor não espera de nós outro agradecimento senão que O amemos de todo o coração. E amá-Lo significa desenvolver ao máximo nossa vida sobrenatural e nos tornar cada vez mais deiformes.

Que Maria Santíssima, Mãe da Divina Graça, interceda por nós nesta caminhada rumo à eternidade e nos obtenha uma santidade cristalina. ✠

¹ TANQUEREY, Adolphe. *Compendio de Teologia Ascética e Mística*. 6.ed. Porto: Apostolado da Imprensa, 1961, p.53.

² Cf. GARRIGOU-LAGRANGE, OP, Réginald. *Las tres edades de la vida interior*. 3.ed. Bue-

nos Aires: Desclée de Brouwer, 1944, p.58.

³ Cf. ROYO MARÍN, OP, Antonio. *Teología de la perfección cristiana*. Madrid: BAC, 2012, p.97.

⁴ Cf. SÃO TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. I-II, q.68, a.1.

⁵ ROYO MARÍN, OP, Antonio. *Jesucristo y la vida cristiana*. Madrid: BAC, 1961, p.424.

⁶ Cf. SÃO TOMÁS DE AQUINO, op. cit., q.70, a.1, ad 1.

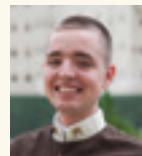
⁷ ROYO MARÍN, *Jesucristo y la vida cristiana*, op. cit., p.157.



Tudo é graça!

Se soubermos ouvir a voz de Deus no silêncio de nosso interior, veremos como a todo momento estamos sendo inspirados, por graças, a uma maior união com Ele.

✉ Gabriel Denkwicz



“**S**e uma manhã me encontrases morta, não te entristeças: é que o Papai Bom Deus veio simplesmente me buscar. Sem dúvida, é uma grande graça receber os Sacramentos; mas, quando Deus não o permite, está bem do mesmo jeito. Tudo é graça”.¹

Essas palavras de Santa Teresinha do Menino Jesus, proferidas quatro meses antes de sua morte, deitam luz sobre um dos maiores mistérios da vida cristã. Com efeito, para o homem batizado não há destino, nem augúrios, nem sorte ou azar. Há sim, a Providência de Deus, que nos guia em todas as coisas, grandes ou pequenas, com sua mão onipotente.

Na vida cristã “tudo é graça”, pois tudo é providencial. Mas também “tudo é graça” porque os auxílios divinos que recebemos são maiores e mais

numerosos do que imaginamos... Ficariamos pasmos se pudéssemos ver as graças que Deus nos concede noite e dia: são as chamadas *graças atuais*.

A energia que move o organismo sobrenatural

Antes de mais nada, cumpre estabelecermos uma distinção: embora a graça atual esteja intimamente unida à graça habitual ou santificante, uma não se confunde com a outra.

Esta, como visto nos artigos precedentes, é um dom divino que faz o homem participar da própria vida divina. Pela graça habitual tornamo-nos membros da família de Deus, seus filhos e amigos íntimos, e recebemos como dádiva todos os dons e virtudes infusas. Mas esses dons e virtudes precisam ser

postos em movimento e, para isso, existem as graças atuais: iluminações ou disposições momentâneas, que põem em movimento o organismo sobrenatural da alma. Seu papel se assemelha à corrente elétrica que faz brilhar as lâmpadas de um belo lustre de cristal.

A graça habitual é estática e ordena-se ao ser; a graça atual é dinâmica e se relaciona com o operar desse mesmo ser. O Pe. Antonio Royo Marín, OP, assim define esta última: trata-se de “um auxílio sobrenatural, interior e transitório, pelo qual Deus ilumina nosso entendimento e fortalece nossa vontade para realizar atos sobrenaturais”.²

Mas, como dito anteriormente, as graças atuais são variadas. Elas, portanto, não operam na alma de um modo unívoco.

*As graças atuais
são iluminações
ou disposições
momentâneas, que
põem em movimento
o organismo
sobrenatural da alma*

À vela ou a remo?

As graças atuais podem ser divididas em cooperantes e operantes, conforme seu modo de atuar.

As cooperantes são aquelas em que a alma é movida por Deus, mas também move a si mesma à prática do bem, cooperando com o auxílio divino. Já as graças operantes são aquelas cuja ação procede exclusivamente de Deus: a alma é, assim, movida a realizar um bem sem esforço algum, senão o de deixar-se conduzir.

Um exemplo dado por Mons. João ilustra bem essa divisão. A graça atual cooperante assemelha-se a um navio que, em plena calmaria, precisa ser movido com o auxílio dos remos. Já a operante se parece com a mesma embarcação, mas quando singra o oceano com as velas enfunadas por uma vigorosa ventania; ela se move sem esforço algum por parte da tripulação.

Por isso Mons. João sempre incitava seus filhos espirituais a rezarem fervorosamente pedindo ao Senhor que, embora sempre dóceis aos seus desígnios, os conduzisse por meio de abundantes graças operantes. Se Deus é nosso Pai, por que não nos daria tais graças de seu tesouro infinito? É bom, e até indispensável, pedir graças; trata-se de uma condição para obtê-las em maior abundância.

Ademais, quanto maior for a nossa frequência aos Sacramentos e mais profunda nossa vida de oração – e isso já é uma graça que devemos pedir – tanto mais numerosas e maiores graças receberemos, não porque as mereçamos, mas por pura gratuidade de Deus que, exaltando nossos méritos, coroa seus próprios dons.³ A doutrina católica ensina que de nenhuma forma nós merecemos qualquer graça; porém, podemos alcançá-las por meio da oração humilde e confiante, como promete o próprio Nosso Senhor: “Pedi e recebereis” (Mt 7, 7).



“Uma galé de Malta”, por Laureys a Castro - Galeria de Imagens de Dulwich, Londres

*A graça cooperante
é como um barco que
precisa do auxílio de
remos para mover-se,
enquanto a operante se
parece àquela movido
pelo vento nas velas*

Gracias atuais: por que e como recebê-las?

Muitas vezes recebemos graças abundantes sem nos darmos conta. Isso porque nosso orgulho nos leva a atribuir a nós um papel que, na realidade, é mínimo ou nulo se comparado ao da ação da graça. Vencemos um defeito, fazemos um ato de caridade, reprimos nossa impaciência, passamos a rezar com mais frequência e devoção... e achamos que tudo se deve aos nossos generosos esforços. Não percebemos que uma mão invisível nos sustenta na prática do bem, muitas vezes sem mesmo pedirmos.

Com efeito, a recepção das graças atuais não requer necessariamente

nem que a alma se encontre em estado de graça. Se assim o fosse, nunca conseguiríamos nos reerguer quando cometêssemos uma falta grave. Sim, a conversão do pecador é uma graça insigne. Para São Tomás,⁴ a máxima obra de Deus.

Mais uma vez nos encontramos em face do abismante mistério da misericórdia de Deus, que odeia o pecado, mas ama o pecador e quer que ele se converta e tenha a vida (cf. Jo 3, 16).

Entre o laxismo e o rigorismo

Mas então, se a graça faz tudo... nossos esforços, onde ficam?

Esse foi um problema que a Igreja, desde muito cedo, precisou enfrentar. Diante do papel da graça na vida humana, surgiram, *grosso modo*, duas posições heréticas.

A primeira afirmava a total ou relativa inutilidade da graça em face dos esforços humanos. Integraram essa corrente os pelagianos, por exemplo, que consideravam a graça apenas como uma ajuda que torna a virtude mais fácil, e acreditavam que sem ela poderia o homem cumprir todos os Mandamentos Divinos. Contra estes, Santo Agostinho teve de travar duras batalhas.

Outros, porém, caindo no extremo oposto, terminavam por dispensar o papel do esforço e da ascese, a fim de se lançarem sem remordimentos de consciência no lodaçal dos pecados. Para Lutero, por exemplo, a justificação dar-se-ia pela fé, independente das obras, pelos méritos da Paixão de Cristo. Donde o líder protestante ter mesmo chegado a dizer: “Sê pecador, e peca a valer, mas com mais firmeza ainda confia e alegrate em Cristo, vencedor do pecado, da morte e do mundo. Devemos pecar enquanto vivemos aqui. [...] Basta que pela riqueza da glória tenhamos conhecido o Cordeiro de Deus que tira os pecados do mundo. D’Ele não nos há de separar o pecado, ainda que cometamos por dia mil homicídios e mil adultérios”.⁵

Obviamente, nem uma nem outra posição representa a visão da Igreja.

Afirma Santo Agostinho⁶ que, sem a graça, não nos é possível fazer o bem integralmente, seja por pensamento, desejo ou ação. Mas como explicar que homens maus realizem, em certas ocasiões, obras boas do ponto de vista natural? Explica São Tomás de Aquino: “Mesmo neste estado de corrupção o homem pode ainda fazer, por sua potência natural, algum bem particular, como construir casas, plantar vinhas e outros trabalhos do mesmo gênero. Mas ele não é capaz de realizar em sua totalidade o bem que lhe é conatural, sem alguma falha. Ele parece um enfermo que pode ainda



Santos na visão beatífica, por Giusto de Menabuoi - Batistério de São João Batista, Pádua (Itália)

Sem a graça não é possível fazer o bem integralmente; se formos dóceis às suas inspirações, seremos elevados a alturas jamais imaginadas

executar sozinho alguns movimentos, mas não pode mover-se perfeitamente como alguém em boa saúde, enquanto não obtiver a cura com a ajuda da medicina”.⁷

Quanto menos o homem será capaz, por suas forças naturais, de realizar atos que sobrepassam sua natureza corrompida, como a prática das virtudes e a observância dos Mandamentos Divinos. Não podemos, pois, sequer pronunciar o nome de Jesus piedosamente sem o auxílio de uma graça atual.⁸

A solução, portanto, parece resumir-se ao adágio iniciano: “Rezai como se tudo dependesse de Deus e trabalhai como se tudo dependesse de vós”.⁹

Deixar-se conduzir pela graça divina

Se soubermos ouvir a voz de Deus no silêncio de nosso interior, perceberemos como a todo momento somos inspirados, por graças atuais, a uma maior união com Ele. Santa Maravilhas de Jesus costumava repetir: “*Si tú le dejas... – Se tu O deixas agir...*” Sejam dóceis às inspirações da graça, Ele nos elevará a alturas que jamais ousamos imaginar que atingiríamos.

“Creio”, dizia ainda a Santa espanhola, “que nosso nada e nossa miséria não importam em absoluto ao Senhor; de ajeitar, limpar e mudar, Ele Se encarrega; a questão é que O amemos e façamos tão nossa a sua vontade divina [...], que só ela governe nossa vida, nas coisas grandes e pequenas, externas e internas, e não nos ocupemos senão em cumpri-la e, sobretudo, em deixar que ela se cumpra em nós”.¹⁰ ✠

¹ SANTA TERESA DE LISIEUX. Derniers entretiens, 5 juin. In: *Œuvres complètes*. Paris: Cerf; Desclée de Brouwer, 2006, p.1009.

² ROYO MARÍN, OP, Antonio. *Somos hijos de Dios. Misterio de la divina gracia*. Madrid: BAC, 1977, p.59.

³ Cf. ORDINÁRIO DA MISSA. Prefácio dos Santos. In: MISAL ROMANO. Tradução portuguesa da terceira edição típica. Brasília: CNBB, 2023, p.500.

⁴ Cf. SÃO TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. I-II, q.113, a.9.

⁵ MARTINHO LUTERO. Carta a Melanchthon, 1º/8/1521. In: *Obras*. 4.ed. Salamanca: Sígueme, 2006, p.387.

⁶ Cf. SANTO AGOSTINHO. *De correptione et gratia*, c.II, n.3.

⁷ SÃO TOMÁS DE AQUINO, op. cit., q.109, a.2.

⁸ Cf. ROYO MARÍN, op. cit., p.60-61.

⁹ CCE 2834.

¹⁰ SANTA MARAVILHAS DE JESUS. Carta 6241, de 17/6/1950. In: *Cartas. Antologia epistolar*. 2.ed. Madrid: Edibesa, 2007, p.282.



Precisamos pedir graças?

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA

§2010 Como a iniciativa pertence a Deus na ordem da graça, ninguém pode merecer a graça primeira, na origem da conversão, do perdão e da justificação. Sob a moção do Espírito Santo e da caridade, podemos em seguida merecer para nós mesmos e para os outros as graças úteis à nossa santificação, crescimento da graça e da caridade, e também para ganhar a vida eterna. Os próprios bens temporais, como a saúde, a amizade, podem ser merecidos segundo a sabedoria divina. Essas graças e esses bens são o objeto da oração cristã. Esta atende à nossa necessidade da graça para as ações meritórias.

O parágrafo 2010 do *Catecismo da Igreja Católica* destaca três relevantes aspectos teológicos a respeito da graça.

Em primeiro lugar, ressalta a importância de a procurarmos ardorosamente pois, sendo uma dádiva de Deus, ela nos liberta do pecado e nos fortalece na prática das virtudes, para assim alcançarmos a vida eterna.

Em segundo lugar, este parágrafo salienta que os bens temporais — saúde, amizade, sucesso profissional, conforto material e muitos outros — “podem ser merecidos segundo a sabedoria divina”. Provavelmente alguém se perguntará: como conhecer o critério da sabedoria divina para que mereçamos tais bens? A resposta é simples.

Santo Inácio de Loyola¹ ensina uma regra de discernimento chamada *tanto quanto*, a qual exorta a utilizarmos as coisas deste mundo tanto quanto nos ajudem a cumprir nosso último fim, isto é, amar e servir a Deus e, mediante isto, salvar as nossas almas. Assim sendo, tanto quanto os bens materiais nos impeçam de atingir essa meta final, devemos deixá-los de lado. Em síntese, somos convidados a pedir graças para

aceitar a sábia e santa vontade de Deus, e desse modo atingir nossa finalidade.

Por fim, este parágrafo nos ensina que, sejam os bens espirituais, sejam os bens temporais, sempre devemos pedi-los por meio da oração. Comparando-Se a uma videira, Nosso Senhor declara: “Quem permanece em Mim, e Eu nele, esse dá muito fruto; porque sem Mim nada podeis fazer” (Jo 15, 5). Portanto, como ramos dessa divina videira, só produziremos frutos espirituais e obras meritórias ao vincular-nos amorosamente a Jesus. E dito vínculo se estabelece pela oração, que nos obtém as graças para perseverar na prática do bem.

De fato, é verdade de fé católica que temos necessidade imperiosa de rezar. A tal ponto que Santo Afonso Maria de Ligório afirma que a graça imerecida da nossa salvação eterna depende das nossas orações. Eis sua célebre máxima: “Quem reza, certamente se salva; quem não reza, certamente se condena”.² E ele acrescenta: “Todos os bem-aventurados, exceto as crianças, salvaram-se pela oração. Todos os condenados se perderam porque não rezaram; se tivessem rezado, não se teriam perdido”.³

Ante esse grandioso quadro, invoquemos Maria Santíssima, cujo poder de intercessão é infalível. Verdadeiramente, não há graça que Ela não nos obtenha de modo materno e misericordioso de seu Divino Filho Jesus. ✚

¹ Cf. SANTO INÁCIO DE LOYOLA. *Exercícios espirituais*, n.23.

² SANTO AFONSO MARIA DE LIGÓRIO. *Del gran mezzo della preghiera*. Parte prima, c.1.

³ Idem, ibidem.

Sejam bens espirituais, sejam bens temporais, devemos pedi-los por meio da oração

A Virgem e o Menino, por Fra Angélico - Museu de Belas Artes, Boston (Estados Unidos)





No exílio... prelúdio do convívio celeste!

Quando se ouve falar em “mística”, logo se pensa em fenômenos extraordinários como êxtases, levitações, estigmas... Mas e se disséssemos que todo cristão é chamado a trilhar essa via? Afinal, realmente sabemos o que é a mística?



✠ Adriel Brandelero

Dentre os vários títulos que se podem dar ao homem, um costuma não lhe ser muito agradável, conquanto seja bem verdadeiro: rei destronado. Com efeito, sua vida neste vale de lágrimas não é aquela para a qual Deus originalmente o havia destinado ao criá-lo: “Que ele reine sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus, sobre os animais domésticos e sobre toda a terra, e sobre todos os répteis que se arrastam sobre a terra” (Gn 1, 26).

A imaginação nos permite contemplar Adão, por exemplo, em perfeito comprazimento com o clima do Paraíso, fazendo envergar por ordem sua uma árvore, para colher algum fruto, e ordenando a uma ave que o levasse como presente a Eva. Entretanto, tudo isso e muito mais ele perdeu pelo pecado... “Maldita seja a terra por tua causa. Tirarás dela com trabalhos penosos o teu sustento todos os dias de tua vida. Ela te produzirá espinhos e abrolhos, e tu comerás a erva da terra.

Comerás o pão com o suor do teu rosto” (Gn 3, 17-19).

Terrível é imaginar os primeiros sustos do pobre casal ao deparar-se com as intempéries de nosso mundo, as rudes pedras e espinhos do nosso solo, e os temíveis rugidos das feras... Quiçá naquela primeira noite de exílio Adão tenha lembrado, saudoso, das maravilhas do Éden. E enquanto as lágrimas corriam por sua face, Deus lhe falava no interior da alma... como

conversava à brisa da tarde nos jardins do Paraíso! Sim, isto ele não perdera: o Criador ainda o visitava em íntimas conversas. O homem passava a ser, sim, um rei destronado, mas não menos amado!

O que é a mística?

Em graus e modos diferentes, a todo batizado é dado viver nesta terra em relacionamento com Deus, e a isso a Teologia chama *vida mística do cristão*.¹ O Concílio Vaticano II assim no-lo ensina: “Os cristãos, de qualquer estado ou ordem, são chamados à plenitude da vida cristã e à perfeição da caridade”.² E o *Catecismo* conclui, sinteticamente: “Todos são chamados à santidade: ‘Sede perfeitos, como o vosso Pai Celeste é perfeito’ (Mt 5, 48)”.³

Ora, a doutrina católica afirma que o fim do cristão consiste em sua configuração com Nosso Senhor, e a vida mística é o caminho normal para alcançá-lo: “O progresso espiritual tende para a união cada vez mais íntima com Cristo.

*A todo batizado
é dado viver
nesta terra em
relacionamento com
Deus, e a isso a
Teologia chama vida
mística do cristão*

Esta união chama-se ‘mística’, porque participa no mistério de Cristo pelos Sacramentos – ‘os santos mistérios’ – e, n’Ele, no mistério da Santíssima Trindade. Deus chama-nos todos a esta íntima união com Ele, mesmo que graças especiais ou sinais extraordinários desta vida mística somente a alguns sejam concedidos, para manifestar o dom gratuito feito a todos”.⁴

Sinais extraordinários, para alguns...

A afirmação do *Catecismo* acima citada pode causar espanto em alguns, mas, sim, todo cristão é chamado à vida mística! Cabe apenas uma diferenciação quanto ao modo como ela há de se manifestar.

Com efeito, o título de *místico* logo sugere à nossa imaginação alguém em êxtase, um vidente ou ainda um estigmatizado. Entretanto, tais manifestações devem ser mais precisamente chamadas de *fenômenos místicos extraordinários*.⁵

A Teologia enumera vários deles, sejam de ordem cognoscitiva ou afetiva, tais como visões, locuções, discernimento dos espíritos e incêndios de amor; sejam de ordem corporal, como estigmas, lágrimas e suor de sangue, jejuns prolongados, privação do sono, bilocação, levitação e perfume sobrenatural, entre muitos outros.⁶

Claro está que a Igreja será sempre muito cauta em diferenciar os fenômenos místicos extraordinários de qualquer outra situação, de ordem patológica ou preternatural. Contudo, os dados científicos falam francamente em favor da real existência de tais fenômenos, contra as convicções de quaisquer céti- cos...

Se tomarmos, por exemplo, Santos místicos que tiveram o dom da inédia, ou seja, do jejum prolongado, e os contrapormos

às capacidades humanas naturais, logo constataremos a evidência da sustentação sobrenatural. A ciência admite que o homem possa sobreviver várias semanas sem alimentar-se. Em meados do século passado, o lorde prefeito de Cork, Terence MacSwiney, decidiu parar de comer em protesto contra a dominação inglesa na Irlanda; sua vida durou setenta e três dias! Eis o distante limite a que chegou o natural. Todavia, sabe-se que Santa Catarina de Siena passou oito anos sem se alimentar; São Nicolau de Flüe, vinte anos; e Santa Ludovina de Schiedam, vinte e oito anos...⁷

Deus continua a conversar com o homem que vive em estado de graça, não mais nos jardins do Éden, mas em seu próprio templo interior

A “melhor parte”, que não nos será tirada

Enunciando somente esses dados, parece fácil concluir que não é próprio a todo cristão tais fenômenos extraordinários. Contudo, torna-se indispensável ter claro que a vida mística não se restringe a essas manifestações retumbantes, e nem sequer são elas o que há de mais excelso na espiritualidade católica. Pode-se tomar como prova de semelhante afirmação que um ímpio como Caifás profetizou, por uma inspiração, a Morte redentora de Nosso Senhor Jesus Cristo (cf. Jo 11, 49-52), e ao pérfido Balaão foi dado profetizar, por revelação, a missão providencial do povo hebreu e até mesmo o nascimento do Messias (cf. Nm 23-24).

O batizado que conserva o estado de graça tem algo muito superior a qualquer desses fenômenos extraordinários: a inabituação da Santíssima Trindade em sua alma. Deus continua a conversar com o homem, não mais nos jardins do Éden, mas em seu próprio templo interior.

Como visto nos artigos precedentes, a graça santificante, as virtudes



João Paulo Rodrigues

Fiéis em oração na Igreja Nossa Senhora do Bom Conselho, Piraquara (PR). Na página anterior, Santa Teresa de Jesus, por Alonso del Arco - Museu Lázaro Galdiano, Madri

QUEM PEDE, RECEBE!

Tudo o que seja verdadeiro bem é, de si, desejável, e como tal podemos pedi-lo a Deus. Se nos é lícito pedir, desejar e empregar todos os meios para adquirir a saúde, a ciência e a agudeza de espírito, também o deve ser [...] pedir, desejar e procurar, o quanto esteja ao nosso alcance, um bem tão superior como o da saúde, ciência e penetração que o Divino Espírito comunica (cf. I Cor 14, 1).

Não há nisso a menor presunção, desde que desejado retamente, como não há presunção no desejo de comungar para agradar a Deus e alimentar e fortalecer nossa pobre alma. Seria presunção desejar esses dons por vanglória, mas não quando são desejados precisamente para apoio de nossa fraqueza, para firmar-nos na humildade e em todas as outras virtudes, e para crescer em graça e conhecimento de Deus, em tudo segundo Jesus Cristo, até alcançar a maturidade de varões perfeitos e verdadeiramente espirituais.

E já sabemos que ninguém poderá sê-lo sem estar animado, dirigido e governado pelo Divino Espírito e, portanto, enriquecido de seus preciosos dons. [...]

Ainda que ninguém deva meter-se onde não é chamado nem pretender voar sem asas, todos, entretanto,

podem e devem bater para que se lhes abram, e pedir “asas como de pomba” – que são os preciosos dons de sabedoria e de inteligência – para voar e descansar, certos de que tão santos desejos serão atendidos e de que “todo aquele que pede, recebe; quem procura, encontra; a quem bate, se abrirá” (Mt 7, 8). [...]

Pela própria razão de que valha tanto e de que não o possamos conseguir por nossos esforços, devemos pedi-lo com grande insistência, dizendo com a samaritana: “Senhor, dá-me de beber dessa água!” [...] Se não se pede com ardor é porque não se conhece nem se sabe apreciar: “Se conhecesses o dom de Deus!... Certamente tu o pedirias, e Ele te daria a água viva, que jorra para a vida eterna” (Jo 4, 10-15). [...]

A todos os corações está incessantemente chamando o Esposo Divino, que vem desejoso de celebrar o banquete das bodas místicas (cf. Ap 3, 20). Se não Lhe abrimos ou nos fazemos surdos aos seus chamados, a culpa é nossa. ✚

GONZÁLEZ ARINTERO, OP, Juan.
La evolución mística. Madrid:
BAC, 1959, p.685-690

infusas, os dons do Espírito Santo e as graças atuais constituem o organismo sobrenatural que conduz a alma à perfeição cristã. Tal caminho nada mais é do que a vida mística a que todo batizado está chamado, posto que o desenvolvimento normal da graça santificante encaminha à união com Cristo, ou seja, à mística.

Contanto que o homem não incorra em pecado, ele tem continua-

mente na sua “habitação” o Divino Hóspede, goza de sua íntima amizade e d’Ele recebe os mais preciosos ensinamentos, como Santa Maria Madalena em Betânia, sobre a qual o próprio Jesus pronunciou a sentença: “Maria escolheu a melhor parte, e esta não lhe será tirada” (Lc 10, 42).

A vida mística do cristão, a presença da Santíssima Trindade em

sua alma – com os dons, virtudes e graças que a acompanham – são em realidade a “melhor parte” que não será tirada ao batizado, o paraíso interior onde ele sempre encontrará Deus, até o dia em que, tendo sido fiel a tal dádiva, será recebido no Paraíso Celeste e o próprio Senhor será sua recompensa demasiadamente grande (cf. Gn 15, 1) por toda a eternidade! ✚

¹ Cf. AGAESSE, Paul; SALES, Michel. *Mystique*. La vie mystique chrétienne. In: *Dictionary de Spiritualité*. Paris: Beauchesne, 1980, v.X, col.1939-1951.

² CONCÍLIO VATICANO II. *Lumen gentium*, n.40.

³ CCE 2013.

⁴ CCE 2014.

⁵ Cf. TANQUEREY, Adolphe. *Précis de Théologie Ascétique et Mystique*. 6.ed. Paris-Tournai-Roma: Société de S. Jean

L’Évangéliste; Desclée, 1928, p.932-967.

⁶ Cf. THURSTON, SJ, Herbert. *Los fenómenos físicos de misticismo*. San Sebastián: Dinor, 1953; BOUFLET, Joachim. *Encyclopédie des phénomènes extraordinaires dans la vie*

mystique. Paris: Les Jardins des Livres, 2002-2015, v.I-II.

⁷ Cf. ROYO MARÍN, OP, Antonio. *Teología de la perfección cristiana*. 4.ed. Madrid: BAC, 2006, p.937-938.



A eficácia da graça constrange o livre-arbítrio?

Omnia est gratia – Tudo é graça no campo sobrenatural. O homem, abandonado às suas próprias forças, é incapaz de dar um só passo rumo à união efetiva com Deus. Sem o auxílio divino, não há conversão, progresso espiritual nem santidade, e é impossível merecer a vida eterna (cf. *Suma Teológica*. I-II, q.109, a.5).

Diante dessa verdade, impõe-se uma inevitável pergunta: como conciliar a eficácia da graça divina com a liberdade humana?

A dificuldade acentua-se, em grande medida, por causa do orgulho e do liberalismo, cada vez mais reinantes em nosso tempo. O mundo prega a autossuficiência absoluta, a felicidade subjetiva, o relativismo moral e a liberdade ilimitada, como se fossem bens supremos; em sentido oposto, considera um mal toda ajuda, correção ou sugestão externas, sobretudo quando inspiradas na doutrina católica e na Lei eterna.

A Teologia tomista, porém, rejeita tais noções. Para o Doutor Angélico, o livre-arbítrio é um dom precioso, ordenado por Deus ao bem e passível de ser orientado por outras pessoas, para a aquisição ou aprimoramento da virtude e a repulsa ao pecado (cf. *Suma Teológica*. I-II, q.1, a.1; II-II, q.33, a.1). Assim, nem toda influência combate o alvedrio, ex-

ceto se resultar de uma coação. Neste caso, o ato não procederá de um movimento voluntário, mas de uma imposição externa: “A coação não é outra coisa que a imposição de certa violência” (*De veritate*, q.22, a.5). Deus, porém, age no interior das almas sem coerção. Através da graça as inspira, auxilia e firma na virtude.

Sua onipotência compromete o livre-arbítrio? Não! Quando Deus muda a vontade humana, faz uma inclinação suceder a outra, de maneira a remover a primeira e conservar a segunda. Assim, o rumo para o qual Ele conduz a vontade não contradiz a nova inclinação da

alma. Não há, portanto, violência nem repressão (cf. *De veritate*, q.22, a.8).

Tomemos, com o Aquinate, o exemplo de uma pedra. Pela gravidade natural, ela se inclina para baixo. Mantida essa inclinação, se for lançada para cima sofrerá violência. Entretanto, se Deus retirar da pedra a inclinação da gravidade e lhe comunicar a da leveza, então o movimento ascendente já não lhe será coactivo. Dessa mesma forma, Ele age na vontade humana de modo eficaz, mas sem constrangê-la, segundo os desígnios sapienciais e amorosos de sua Providência (cf. *De veritate*, q.22, a.8).

Consequentemente, a alma justificada pela graça se encontra mais inclinada às alturas celestes, sem padecer agressão. Deus não suprime nem reduz nossa liberdade. Pelo contrário! Embora o livre-arbítrio consista em nossa capacidade de escolher, quando optamos pela verdade, pelo bem e pelo belo conquistamos a verdadeira liberdade, a “gloriosa liberdade dos filhos de Deus” (Rm 8, 21). Eleger o erro, o mal e o feio é sucumbir à escravidão dos filhos de Satanás.

Assim nos ensinou Mons. João: “Escolher o bem é a suma liberdade!”¹ ✠



Francisco Lecaros

Deus age no interior das almas sem coerção. Através da graça as inspira, auxilia e firma na virtude, inclinando-as às alturas celestes

Chamado dos primeiros Apóstolos - Museu de León (Espanha)

¹ CLÁ DIAS, EP, João Scognamiglio. *Homilia*. São Paulo, 31/12/2007.



Nossa Senhora na luta Revolução e Contra-Revolução

A Revolução é propulsionada sobretudo por dois vícios: o orgulho e a impureza. Para esmagá-la é necessário praticar as virtudes opostas, o que somente se consegue pela graça, concedida por Deus a rogos de Maria Santíssima.

✠ Plínio Corrêa de Oliveira

Devemos considerar algumas questões sobre as relações entre a obra de São Luís Maria Grignon de Montfort e tudo quanto explano em meu livro *Revolução e Contra-Revolução* – em diante, *RCR*.

A primeira delas é o papel de Nossa Senhora na Contra-Revolução e, mais especialmente, o da escravidão à Mãe de Deus, ou seja, da perfeita devoção pregada por São Luís.

Concepção gnóstica e revolucionária do universo

A *RCR* apresenta a Revolução como um movimento nascido de uma deterioração moral. São dois vícios fundamentais, o do orgulho e o da impureza, que constituem no homem uma incompatibilidade com a doutrina católica, debaixo do seguinte ponto de vista.

A Igreja como ela é, a doutrina que ela ensina, o universo que Deus criou, e que podemos conhecer melhor através dos prismas da Esposa Mística de Cristo, são assuntos que o homem virtuoso, puro e humilde apetece. Ele tem enlevo e alegria em ver que isso é assim, e aceita tudo de bom coração.

Mas, se uma pessoa cede algo ao vício do orgulho, começa a formar-se nela uma incompatibilidade com vários aspectos da obra de Deus. É

uma inconciliabilidade, de início, com o caráter hierárquico da Igreja, depois com o da sociedade civil; ou em ordem inversa. Em seguida, uma inconformidade com o caráter hierárquico da família. E assim vai o igualitarismo se desenvolvendo, até chegar ao sumo do comunismo. Quer dizer, nasce do orgulho toda uma metafísica contrária à doutrina católica, proveniente de uma viciosa incompatibilidade da alma com a obra divina.

Algo mais ou menos paralelo se poderia dizer da impureza. O homem impuro tem os elementos necessários para implicar com a ordem estabelecida por Deus. Ele é levado, em geral, para o liberalismo. Irrita-

-lhe a existência de uma regra, um freio, uma lei que circunscreva o transbordamento dos seus sentidos. Com isso, tudo quanto significa ascese começa a lhe parecer avesso. Naturalmente, surge uma implicância contra o próprio princípio da autoridade enquanto tal.

O resultado é que, a partir da impureza e do orgulho, formam-se os elementos necessários para uma visão diametralmente oposta à obra de Deus. Essa visão já não difere num ponto ou noutro da doutrina da Igreja, mas, à medida que esses vícios se aprofundam e, ao longo das gerações, tornam-se mais acentuados, vai-se estruturando toda uma concepção que não é apenas outra, mas a mais contrária possível. E acaba sendo, em última análise, a concepção gnóstica e revolucionária do universo.

A Revolução tem como causa moral o orgulho e a sensualidade. Assim, todo o problema da Revolução e da Contra-Revolução, no fundo, é uma questão moral. O que está dito nas linhas ou nas entrelinhas da *RCR* é que, se não fossem o orgulho e a sensualidade, a Revolução como movimento organizado no mundo inteiro não existiria, ela não seria possível.

A partir da impureza e do orgulho, causas morais da Revolução, formam-se os elementos para uma visão diametralmente oposta à obra de Deus

Toda preservação ou regeneração moral decorre da graça

Ora, se no âmagô do problema da Revolução e da Contra-Revolução temos uma questão moral e, portanto, religiosa – porque todas as questões morais são substancialmente religiosas, já que uma moral sem religião é a coisa mais inconsistente que se possa imaginar –, conclui-se que a luta da Revolução e da Contra-Revolução é, em seu cerne, uma luta religiosa.

Assim, se nos encontramos no terreno da luta religiosa, compreendemos melhor o papel de Nossa Senhora na Contra-Revolução. Se uma crise moral origina o espírito da Revolução, então é verdade que essa crise só pode ser remediada com o auxílio da graça.

A Igreja nos ensina que os homens não podem cumprir estável e duravelmente, na sua integridade, os Mandamentos da Lei de Deus com simples recursos naturais; para isso, necessitam da graça. Por outro lado, quando alguém cai em estado de pecado e se acumulam nele as apetências para o mal, essa situação moral, *a fortiori*, não pode ser resolvida sem auxílios de caráter sobrenatural. O resultado é que toda preservação ou regeneração moral verdadeira decorre da graça divina.

Condição para o triunfo da Contra-Revolução

Vemos, então, facilmente o papel de Nossa Senhora. Por ser Ela o canal em que passam todas as graças vindas de Deus, nós compreendemos que o auxílio das suas orações é indispensável para que seja derrotada a Revolução, e o Reino de Maria se estabeleça.

As graças poderão ser assim obtidas, mas, se não forem correspondidas pelos homens, torna-se inevitável que a Revolução triunfe. Logo, esse afluxo de graças sobre as almas fiéis é elemento fundamental para que a Revolução seja derrotada. Depende de Deus, evidentemente, mas Ele quis, por um ato livre de sua vontade, fazer

isso depender da Santíssima Virgem, para a glória d'Ela e de seu Divino Filho. Donde se deduz que a devoção a

Nossa Senhora é a condição para que a Revolução seja esmagada e a Contra-Revolução triunfe.

Insisto neste aspecto por ser muito importante: se tomarmos uma humanidade fiel às graças que receba por meio de Maria Santíssima para a prática dos Mandamentos, e esta prática se tornar um fenômeno geral, é inevitável que a sociedade acabe se estruturando bem, porque com o estado de graça vem a sabedoria, e com a sabedoria todas as coisas entram nos eixos.

Não é preciso fazer grandes estudos de Sociologia, Economia e finanças para conseguir isso. Com o estado de graça – não só pelo movimento natural, espontâneo, intrínseco de cada homem – tudo tende a regularizar-se, e os estudos necessários se farão excelentemente e atingirão o seu resultado.

Quando há uma recusa da graça, nada anda. E, se algo caminha, é pior do que se não andasse. Exemplo disso temos na civilização contemporânea: ela se construiu sobre a recusa da graça e alcançou alguns resultados estrepitosos; contudo, embora essa ordem de coisas pareça ser uma afirmação do homem, na realidade ela o devora. Os países dos grandes resultados são os países das psicoses. Quer dizer, sem a graça o homem ou não constrói nada, ou edifica um cárcere, uma câmara de tortura, um palácio de delícias no qual ele sofre mais do que num campo de concentração.

Intensidade de graças proporcional à devoção a Nossa Senhora

Isso posto, podemos dizer que, quanto maior for a devoção a Nossa Senhora, mais aberto estará o canal de graças. Se for uma devoção inteiramente autêntica, é infalível que a oração seja atendida e as graças chovam sobre um determinado indivíduo ou país.

Porém, se a devoção à Santíssima Virgem comporta restrições ou é de-



Francisco Lecaros

Nossa Senhora das Graças - Igreja de Santo Antônio, Cádiz (Espanha)

O afluxo de graças sobre as almas é elemento fundamental para que a Revolução seja derrotada, e o canal para estas graças é Nossa Senhora

fectiva, então a graça também encontra da parte do homem, implicitamente, uma certa resistência. Nisso mesmo ele já se manifesta ingrato, e acaba acontecendo que toda a vida, a seiva da sociedade, depercece.

Costuma-se dizer que, na economia da graça, Jesus Cristo é a Cabeça do Corpo Místico, e Nossa Senhora o pescoço, porque tudo passa através d'Ela. A imagem é inteiramente verdadeira na vida espiritual de uma pessoa. Imaginem alguém com pouca devoção à Mãe de Deus: assemelha-se a um indivíduo com uma corda atada ao pescoço, a qual lhe permite um fiozinho de respiração. Quando não tem nenhuma devoção, ele se asfixia. Se, pelo contrário, ele possui uma grande devoção à Virgem Maria, seu pescoço está inteiramente livre, o ar penetra nos pulmões a plenos haustos e o homem pode viver normalmente.

Não estou dizendo que seja algo automático, mas que, havendo correspondência à graça, forçosamente tudo se

estrutura bem. Não basta trabalhar, estudar, organizar. O problema fundamental é haver essa correspondência.

Em sentido oposto, poderíamos afirmar o mesmo a respeito do demônio. Porque o papel dele na eclosão e nos progressos da Revolução foi enorme. Ele conseguiu tentar o homem, induzindo-o a uma posição revolucionária e a extremos revolucionários, que estão abaixo até da miséria humana, e a fazer uma Revolução como a atual, a qual é

Os fatores determinantes da Contra-Revolução e da Revolução, que são a graça e o demônio, dependem do império e do domínio de Maria

pior do que o grau presente de decadência da natureza humana. Se o demônio não estivesse ali para tentar o homem, o processo não teria saído tão terrível quanto é.

Ora, esse fator de propulsão tão forte da Revolução está inteiramente na dependência de Nossa Senhora. Basta Ela ter o mínimo ato de império que o inferno inteiro treme, se confunde, se recolhe e desaparece. Basta, pelo contrário, Ela entender que, para castigo dos homens, convém deixar ao demônio certo raio de ação, que ele progride tanto quanto Ela permitir.

Então, os fatores determinantes da Contra-Revolução e da Revolução, que são a graça e o demônio, dependem do império e do domínio da Santíssima Virgem. Vemos, portanto, uma vez mais, o papel d'Ela nessa luta.

Verdadeira Rainha do universo...

É preciso acrescentar que a mediação de Maria Santíssima não deve ser considerada somente do ponto de vista da oração. Ela não é apenas Aquela que reza por todos os homens, mas a Rainha do universo, e essa realeza é verdadeira.

Alguém poderia objetar: "Dr. Plínio, chamar Nossa Senhora de Rainha é conversa, porque Ela faz tudo quanto Deus quer, é escrava d'Ele. Portanto, em última análise, a Santíssima Virgem não é Rainha, mas simplesmente como um vidro transparente e inerte através do qual passam os raios divinos. O verdadeiro Rei é Deus".

Entra aqui uma finura, que é preciso considerar. Imaginem um diretor de colégio que tem alunos sumamente insubordinados; ele os castiga e impõe uma ditadura de ferro. Depois se afasta e diz à mãe dele o seguinte:

Arquivo Revista



Dr. Plínio no ano de 1994



Coroação da Santíssima Virgem, por Jacopo di Cione - Galeria Nacional, Londres

“Sei que vós governareis esse colégio de um modo diferente do meu, porque eu governo com vara de ferro e vós tendes um coração materno. Quero que agora governeis vós e não eu. Eu vos entrego a direção”.

Essa senhora dirigiria o colégio como o diretor quereria, mas por um método próprio, que ao mesmo tempo representaria a vontade dela enquanto distinta da dele, mas pelo qual ela faria inteiramente a vontade do diretor.

Assim é Nossa Senhora enquanto Rainha do universo. Jesus Cristo deu a Ela, que é unicamente Mãe e não tem papel de juiz, uma realeza cuja misericórdia vai além da justiça que Ele, em sua posição de Juiz, quer exercer. Então Nosso Senhor A coloca, com todas as indulgências, todos os extremos de misericórdia da Mãe – que a autoridade paterna de si não comporta –, como Rainha do universo, a fim de governá-lo. E a vontade do Filho é que sua Mãe faça algo que Ele não poderia realizar.

É, portanto, enquanto distinta de Nosso Senhor que Maria, Rainha do universo, melhor realiza a vontade d’Ele.

*Mais do que
medianeira onipotente
e suplicante, Ela é
verdadeiramente a
Rainha que conduz
os acontecimentos e
dirige a História*

*...que conduz os acontecimentos
e dirige a História*

Então há um regime verdadeiramente marial de governo do universo, que explica o papel de Nossa Senhora como quem dirige, regula o curso dos acontecimentos terrenos, decreta aquilo que deve se dar. Sempre, é claro, inspirada por Deus e em união com Ele.

Maria Santíssima é infinitamente inferior ao Onipotente, isso é evidente, mas Ele quis livremente dar-Lhe este papel por um ato de liberalidade. Depende d’Ela a duração da Revolução e da Contra-Revolução, e é Ela que in-

tervém nos fatos para que a Revolução não vença. Basta lembrar a Batalha de Lepanto, por exemplo.

Quantos outros fatos da História da Igreja houve em que a Santíssima Virgem deixou claro ser uma intervenção direta d’Ela que influiu nos episódios! E então se compreende que, mais do que medianeira onipotente e suplicante, Ela é verdadeiramente a Rainha que conduz os acontecimentos e dirige a História.

Quando a Igreja canta a respeito da Mãe de Deus “Tu só exterminastes todas as heresias no universo inteiro”, afirma que o papel d’Ela nesse extermínio foi como que único. Quem promove a eliminação das heresias dirige os triunfos da ortodoxia; quem governa uma coisa e outra dirige a História. Ela é verdadeiramente a Rainha. E essa realeza de Nossa Senhora nos dá uma visão a mais do papel d’Ela em toda a problemática Revolução e Contra-Revolução. ✚

Extraído, com adaptações, de:
Dr. Plínio. São Paulo. Ano XX.
N.237 (dez., 2017), p.24-29

Mártir da fé, do Papado e do celibato sacerdotal

No perigo, águia audaz; no apostolado, zeloso pastor; no tribunal, prudente serpente; nos suplícios, sereno cordeiro; no cadafalso, leão indômito!

✠ Gabriel Marques dos Santos



Fr Lawrence Lew, OP (CC BY-NC-ND 2.0)

Em 1580 a Escócia encontrava-se numa encruzilhada: sua história católica, personificada na figura controversa de uma rainha encarcerada por sua fé, Maria Stuart, deparava-se com um turbulento presente, agitado pelas vagas da revolução político-religiosa de John Knox. Como haveria de ser o futuro?

Tal dilema estava bem simbolizado na casa do barão de Drum-na-Keith. A

mãe, católica de nobre estirpe. O pai, chefe do ramo menor dos Ogilvie, um dos calvinistas responsáveis por investigar e prender jesuítas. O que viria a ser o pequeno João, filho recém-nascido do casal?

Um jovem em busca da verdade

Desde 1560 o presbiterianismo calvinista de John Knox se instalara, à custa de sangue, como religião oficial

do país, negando a Santíssima Eucaristia, a Liturgia, o Papado e o episcopado. Em 24 de agosto, o parlamento proibiu a celebração da Santa Missa em todo o território escocês. Os infratores estariam sujeitos à confiscação de bens, desterro, castigos corporais à discrição dos magistrados, e mesmo à pena capital. O próprio Knox confessara que “uma Missa lhe era mais temível do que se dez mil inimigos armados desembarcassem em qualquer parte do reino”¹.

Foi dessa Escócia que, algumas décadas depois, partiria o jovem Ogilvie para estudar na França, aos treze anos.

O rapaz, que recebera em casa uma formação calvinista, começou a interessar-se vivamente pelas controvérsias religiosas que então fervilhavam por toda a Europa. Guiado por uma sincera boa vontade, não tardou em receber o auxílio do Divino Espírito Santo, que lhe abriu o entendimento para o sentido das Sagradas Escrituras e inspirou-lhe profunda admiração pelas histórias dos mártires. Assim, João logo percebeu que a Igreja Católica era a verdadeira Igreja de Cristo.

Aos dezessete anos, ingressou no Colégio Escocês de Louvain, mantido por sacerdotes católicos. Contudo, foi



Reprodução

O presbiterianismo calvinista se instalara, à custa de sangue, como religião oficial da Escócia, banindo de seu território o culto católico

Pregação de John Knox, por David Wilkie - Galeria Nacional da Escócia, Edimburgo; no alto, São João Ogilvie - Igreja de São Luís, Glasgow (Escócia)

apenas junto aos professores jesuítas de Olmütz, na Áustria, que ele encontrou sua vocação.

Ardoroso jesuíta

Entusiasmado com o pugnaz carisma inaciano, Ogilvie apresentou seu pedido de ingresso na Ordem já no primeiro ano de estudos na instituição. Entretanto, uma epidemia obrigou o fechamento do colégio.

Não se deixando abater, o pertinente escocês acompanhou o superior até Viena, onde lhe foi concedido ingressar no noviciado de Brunn.

Ordenado sacerdote em 1610, travou contato com dois outros jesuítas que vinham de malsucedidas missões na Grã-Bretanha. Um deles, o Pe. Gordon, havia passado três anos encarcerado na temida Torre de Londres! Entusiasmado pela ousada empreitada e sentindo um ardente desejo de entregar-se ao perigoso apostolado em sua terra natal, a Escócia, o neopresbítero expôs seus anelos ao Superior-Geral.

O Pe. Aquaviva, porém, seguindo a escola inaciana, repreendeu-o severamente por querer fazer valer sua vontade sobre a dos superiores. Por ora, Deus não lhe pedia o sacrifício de arriscar a própria vida, mas tão somente o da obediência religiosa... Por ora.

“Muito prazer, João Watson”

Com efeito, após dois anos e meio as autoridades determinaram que o Pe. Ogilvie partisse para a Escócia. Devido às leis anticatólicas que então vigoravam naquelas terras, ele teve que se disfarçar de ex-combatente e negociante de cavalos.

Dessa forma, o Capitão João Watson – era esse seu pseudônimo – desembarcava no pequeno porto de Leith, próximo a Edimburgo, no

outono de 1613. Seu objetivo era claro: desenvolver um apostolado junto a nobres e burgueses católicos, com vistas a restabelecer o Catolicismo na Escócia. Tudo deveria ser feito com discrição, eficácia e sagacidade, a fim de não ser denunciado ao governo.

A despeito de suas boas intenções, o primeiro período de seu apostolado foi infrutuoso, pois a nobreza, acomodada, não demonstrava o mínimo interesse pela causa católica.

Em fevereiro de 1614, o jesuíta apresentou – sem sucesso – uma proposta de trégua político-religiosa na corte de Londres. Na Páscoa viajou a Paris, onde foi repreendido pelo seu provincial, o Pe. Gordon, por haver deixado a Escócia sem o aval dos superiores.

De volta à Escócia

Amante da obediência, o jovem sacerdote não desanimou, mas, pelo contrário, voltou – com ainda mais entusiasmo – à sua missão. Quiçá como fruto dessa boa aceitação, aprovou a Nossa Senhora que desta vez seu

apostolado clandestino fosse mais frutuoso.

Entre Edimburgo e Glasgow, arriscando-se continuamente a ver-se vítima de uma cilada, lá estava aquele misterioso Capitão Watson a esgueirar-se pelos presídios para animar os católicos encarcerados a perseverarem na Fé, ou a pregar e administrar os Sacramentos em segredo, em casas de famílias católicas.

No breve período entre a Páscoa de 1614 e o início de 1615, numerosas almas se reconciliaram com a Santa Igreja graças ao zelo do corajoso missionário. E provavelmente muitas outras conversões se dariam, se o trabalho do Pe. Ogilvie naquelas terras não fosse brutalmente interrompido.

A traição

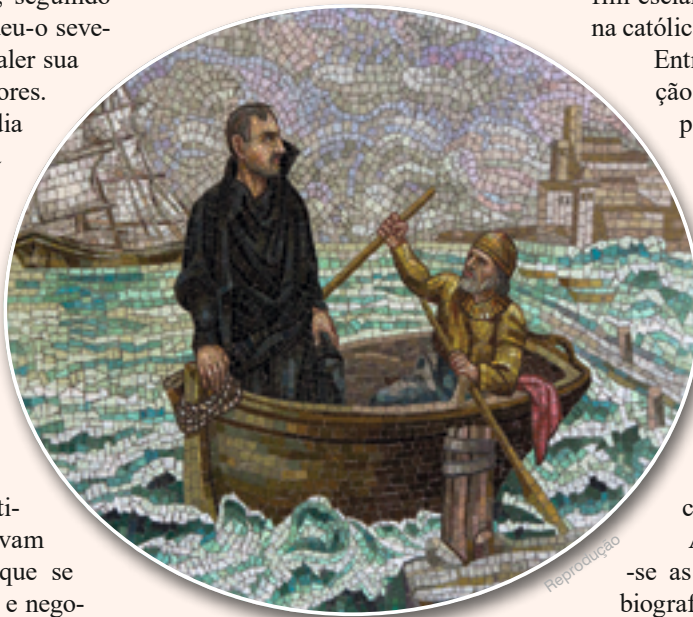
Após celebrar uma Missa em presença de Adam Boyd, um protestante que se declarara disposto a retornar à verdadeira Igreja, o “Capitão Watson” marcou um encontro com o suposto convertido no mercado de Glasgow, a fim esclarecê-lo a respeito da doutrina católica.

Entretanto, logo após a celebração Boyd foi ter com o “arcebispo” anglicano Spottiswood, um ex-ministro presbiteriano que se encarregava de manter católicos e calvinistas sob o controle do poder real em Glasgow. Assim, quando o Pe. Ogilvie compareceu ao local combinado, foi preso e conduzido à casa do prefeito. Para lá se dirigiu também Spottiswood com seus esbirros.

A partir de então, iniciaram-se as mais sublimes páginas da biografia do Santo.

Assemelhando-se a Nosso Senhor na Paixão

Numa sombria representação do encontro de Nosso Senhor Jesus



Em perfeito disfarce, aquele sacerdote desembarcava em Leith; tudo deveria ser feito com discrição, eficácia e sagacidade

São João Ogilvie retorna à Escócia - Igreja de São Luís, Glasgow (Escócia)

Cristo com Anás, o pseudoarcebispo desferiu uma bofetada no ministro sagrado, censurando-lhe o “atrevimento de celebrar a Missa numa cidade da Igreja Reformada”.² Ao que, intrépido, o jesuíta retrucou: “E Vossa Mercê tem o atrevimento de portar-se como um verdugo e não como um arcebispo”.

Ao ouvirem a fogosa resposta, os criados de Spottiswood lançaram-se com infernal furor sobre o jovem presbítero, arrancando-lhe a barba e o ferindo com as próprias unhas. Somente a intervenção de uma autoridade civil foi capaz de conter a sanha furibunda desses esbirros.

Assemelhando-se ainda mais a Nosso Senhor em sua Paixão, o Pe. Ogilvie foi sujeito à humilhação de ser despidido de suas vestes, antes de ser encarcerado.

Sagacidade, intrepidez e firmeza

Na manhã seguinte, teve início o interrogatório, na presença do prelado e do juiz de Glasgow. Logo de início, o Santo foi questionado acerca da principal acusação: “Haveis celebrado a Missa no reino?” Conhecedor do código penal, o sacerdote limitou-se a responder: “Posto que se trata de um crime, não é a mim a quem toca responder, mas às testemunhas”. Interrogado se reconhecia a realeza do calvinista Jaime VI, respondeu com precisão: “Jaime é, de fato, rei da Escócia”, sem entrar no mérito da legitimidade de seu poder. Outras vezes, simplesmente se negava a responder perguntas mais comprometedoras.

Contudo, a prudência não lhe toldava o brio. Certa vez, increpou Spottiswood pela invalidez de sua sagração episcopal: “Leigo sois, e não tendes mais jurisdição espiritual do que possa ter o vosso báculo!”

Ao cabo das vinte e seis horas que constituíram a primeira sessão do interrogatório, o réu

tremia de febre, pois não tomara alimento algum. Tendo sido permitido que se aproximasse de uma lareira para recompor as energias, um criado do líder anglicano foi-lhe ao encontro e ameaçou lançá-lo ao fogo ali mesmo. “Escolheste o melhor momento para fazê-lo, pois estou tremendo de frio”, retrucou espirituoso e sobranceiro o Santo, revelando grande distância psíquica, fruto de uma absoluta confiança em Deus.

A despeito das numerosas acusações, o maior interesse dos magistrados era, na verdade, descobrir os nomes daqueles que desejavam a volta do Catolicismo ao Reino Unido. Assim, como não lograssem obter do Pe. Ogilvie nenhuma delação, os verdugos decidiram privar-lhe do sono na esperança de que sua resistência diminuísse e – ainda que involuntariamente – acabasse por denunciar algum de seus amigos.

Ao longo de oito dias e nove noites consecutivas, foi submetido a constan-

tes torturas: expuseram-no a ruídos ensurdecedores, o arrastaram violentamente pelo chão, arrancaram-lhe os cabelos e o feriram com estacas pontiagudas. Ademais, ataram-no a vigas de ferro, que não lhe permitiam manter-se ereto nem se deitar.

Além dos castigos físicos, Spottiswood lhe infligiu também um penoso tormento moral, fazendo divulgar o boato de que o jesuíta havia atraído a causa católica entregando os nomes de alguns fiéis.

Como os médicos alertassem de que o réu não suportaria por mais três horas tão brutais agonias, deixaram-no descansar por vinte e quatro horas. Depois as sessões se multiplicaram sem que se chegasse a uma sentença, e – sobretudo – sem que o Pe. Ogilvie revelasse nenhum dado.

Condenação à morte

Por fim, o próprio rei lhe enviou um questionário acerca das relações entre a Igreja e o Estado. Ciente das consequências, o Pe. João Ogilvie não podia, entretanto, negar sua fé. Respondeu às delicadas questões do soberano de acordo com a doutrina católica, o que equivalia a assinar sua condenação à morte.

Um último tribunal se estabeleceu para julgar o Pe. Ogilvie pelas respostas ao questionário real. Dessa acusação, o jovem presbítero não podia e nem queria se inocentar: se preciso fosse, daria a vida em defesa da verdadeira Igreja e de seus direitos divinos.

A sentença foi pronunciada. João Ogilvie iria ao cadafalso. Com cínica sutileza, o tribunal tomou o apurado cuidado de emitir um veredito que não parecesse basear-se em convicções religiosas, mas em meros crimes civis: alta traição e violação das leis do Estado. Como sói acontecer, os maus desejavam ocultar as



Ao longo de oito dias e nove noites consecutivas, foi submetido a constantes torturas, mas nada abalou suas convicções

São João Ogilvie na prisão -
Igreja de São Luís, Glasgow (Escócia)

verdadeiras razões da condenação a fim de empanar a glória do fiel mártir com a lama da vulgaridade.

Mas um homem da estatura moral do Pe. Ogilvie não poderia morrer como mero falsificador de documentos...

Até o martírio, fazendo mal aos maus

A essa altura, o “caso Ogilvie” já corra por toda a Escócia. Compreendendo que mais valeria para a causa protestante a apostasia do famoso jesuíta do que seu heroico martírio, os inimigos da Igreja lançaram-se, quais abutres, sobre o condenado, a fim de granjear-lhe a simpatia.

10 de março de 1615. A caminho do cadafalso, um certo Scott, ministro protestante, tenta convencer o condenado com fingidos afeto e compaixão, a abjurar a Fé Católica e abraçar a heresia.

Num último lance de viva esperteza, o jesuíta finge-se agradado com a proposta e, simulando temer a morte, responde vacilante: “Se dependesse de mim morrer ou não... mas nada posso. Declararam-me réu de alta traição, e por isso vou morrer”.³

Sem perceber a santa cilada, o herege replica: “Traição! Nada disso! Abjurai o papismo e tudo se vos perdoará; até serdes cumulado de favores”. E revela ter sido enviado por Spottiswood com ordens de oferecer-lhe a mão da filha do prelado cismático, com uma volumosa soma pecuniária, caso aceitasse fazer-se protestante.

A essa altura, ambos chegam ao local do patíbulo. O Santo convida o mensageiro a repetir a proposta diante das numerosas testemunhas. Ao ouvi-la, os protestantes exultam, enquanto os católicos que ali estão para assistir ao martírio estremecem, angustiados, com a perspectiva de tão escandalosa apostasia.

Tomando a palavra, o Pe. Ogilvie pergunta, como que receoso: “E neste



Reprodução

“Por minha religião daria cem vidas, se as tivesse. Só tenho uma, tomai-a, que minha religião nunca ma arrancareis”

Execução de São João Ogilvie - Igreja de São Luís, Glasgow (Escócia)

caso, não poderei temer ser perseguido como réu de alta traição?”

“Não!”, vocifera a multidão. “O meu crime, portanto, é unicamente a minha religião?” Julgando estar a ponto de obter a capitulação do missionário, o populacho liderado por Scott brada: “Só, unicamente a religião!”

O Pe. Ogilvie conseguira o que anelava. Num lance tipicamente contrarrevolucionário, ficava assim desmascarada diante da História a verdadeira razão da execução e, com ela, a maldade sanguinária dos agentes da pseudorreforma.

Altaneiro e satisfeito, o mártir proclama: “Muito bem! É mais do que eu desejava. Sou, unicamente por minha religião, condenado à morte. Por ela daria cem vidas, se as tivesse. Só tenho uma, tomai-a, que a minha religião nunca ma arrancareis”.

Furioso por ver-se tão habilmente ludibriado, o ministro protestante ordenou ao verdugo que cumprisse logo a sentença. Este por sua vez rogou ao réu, entre lágrimas, que o perdoasse

pelo sangue inocente que derramaria.

Num último gesto de generosidade, o missionário abraçou o carrasco e lançou ao povo seus próprios pertences. O rosário do padre recaiu sobre o peito de um jovem calvinista. Anos depois, aquele rapaz atribuiria sua conversão ao Catolicismo a esse episódio.

Por fim, o sacerdote foi suspenso na forca. A Escócia perdia um missionário, o Céu recebia um herói!

“Non praevalerunt”!

João Ogilvie foi beatificado em 22 de novembro de 1929, por Pio XI, e canonizado em 17 de outubro de 1976, por Paulo VI. A Liturgia o celebra no dia 10 de março.

Sua morte é, sem dúvida, uma das mais entusiasmantes histórias do martirologio transcorridas na Grã-Bretanha entre os séculos XVI e XVII. Não é, porém, a única. Pouco se diz a respeito dos pavorosos suplícios a que muitos católicos foram submetidos no Reino Unido, a partir do cisma de Henrique VIII.

Contudo, diante de cada perseguição, a Santa Igreja sempre engendrará novos requintes de sublimidade e santidade, proclamando altaneira sua imortalidade: “Non praevalerunt”! ✠

¹ IRIBARREN, Jesús. San Juan de Ogilvie. In: ECHEVERRÍA, Lamberto de; LLORCA, SJ, Bernardino; REPETTO BETES, José Luis (Org.). *Año Cristiano*. Madrid: BAC, 2003, v.III, p.199.

² BUTLER, Alban. *Vidas de los Santos*. Ciudad de México: Clute, 1965, v.I, p.522.

³ Todo o diálogo a seguir foi extraído da obra: MOLINARI, SJ, Paulo (Ed.). *Santos e Beatos da Companhia de Jesus*. Suplemento. Braga: Secretariado Nacional do Apostolado da Oração; Apostolado da Imprensa, 1974, p.215-217.



Pronta solução para um complexo problema

Um grave acidente de trânsito deixou duas pacientes aguardando horas por um transplante de medula óssea. Contra todas as expectativas, a intervenção de Dona Lucilia obteve de Deus o que parecia impossível.



✎ **Elizabete Fátima Talarico Astorino**

Há certas “coincidências” que a ciência não consegue explicar; milagres e intervenções sobrenaturais estão fora do seu escopo. E há casos em que as manifestações divinas e os auxílios inesperados são de difícil compreensão até mesmo para pessoas de muita fé.

Um destes casos é o relatado pela Dra. Gianne Donato Costa Veloso, médica hematologista do Serviço de Transplantes Papa São João Paulo II, da Santa Casa de Misericórdia da cidade de Montes Claros (MG).

Narra ela uma série de eventos envolvendo dois delicados transplantes de medula óssea que teriam terminado em desastre se não fosse a intervenção de Dona Lucilia, obtendo de Deus toda uma sequência de acontecimentos altamente improváveis.

Um delicado trabalho, de vida ou morte

Escreve a Dra. Gianne:

“Trabalho há alguns anos cuidando de doenças que afetam o sistema sanguíneo, e esta é, para mim, uma arte sublime, na qual cada detalhe faz a diferença entre a vida e a morte, o fim e o recomeço.

“Em algumas situações, para tratar tipos específicos de câncer hematoló-

gicos são necessárias doses muito elevadas de quimioterapia, que destroem a doença, mas também todas as células responsáveis pela produção do sangue e do sistema de defesa do organismo. Isso elimina a doença, mas pode também matar o doente.

“O único meio de viabilizar esse tratamento eficaz contra a doença é separar as células capazes de reconstruir o sistema sanguíneo e de defesa, mantê-las armazenadas e vivas fora do paciente enquanto a quimioterapia destrói a sua doença. Em seguida, com o paciente sem doença e sem medula óssea, infundem-se de volta as células que foram preservadas. Elas reconstituirão o sistema sanguíneo que foi destruído. Nisso consiste o transplante de medula óssea”.

As etapas de um complexo procedimento

Explica a Dra. Gianne mais alguns pressupostos clínicos, que nos ajudarão a melhor compreender os fatos:

“Para realizar um transplante de medula óssea deve-se averiguar o diagnóstico correto, bem como a indicação e o benefício do procedimento. Seu planejamento envolve administrar medicações para mobilizar as células-tronco do ambiente organizado da

medula óssea em direção ao sistema sanguíneo que flui em nossos vasos. Em seguida, por meio de um cateter em uma veia de grosso calibre, coletar as células desejadas, fazendo-as passar através de uma máquina que as identifica por seu tamanho e ausência ou presença de grânulos em seu interior.

“Essas células selecionadas são armazenadas em bolsas plásticas para posterior avaliação quanto à quantidade e vitalidade, inferindo sua capacidade de atuarem como sementes muito especiais, que têm endereço certo para assentar, repovoar e restabelecer a função de toda a medula óssea a partir de um único tipo de célula-mãe infundida, capaz de gerar as milhares de células-filhas, com variadas funções que permitem um recomeço, sem doença e com a capacidade de restabelecimento do sistema imunológico, agora competente.

“As células coletadas são armazenadas e congeladas em uma solução apropriada, onde elas podem ficar por anos, como que hibernadas. O que assegura a vida dessas células é o congelamento nessa solução específica, o qual induz a desaceleração e depois a interrupção da atividade metabólica das células que, estacionadas, param de consumir oxigênio e energia e, por

isso, não morrem neste período em que estão mantidas fora do organismo.

“Do mesmo modo, o seu despertar e a retomada de sua atividade são desencadeados pelo descongelamento e rápida infusão no corpo, através de uma veia de grosso calibre, o que fornece rapidamente, nesse momento crítico, novas fontes de oxigênio e de energia. Deste modo as células, agora acordadas da hibernação e nutridas pela corrente sanguínea do paciente, circulam no sangue e, por um mecanismo belíssimo de reconhecimento de sua nova morada, repovoam o ambiente da medula óssea que fora preparado para recebê-las.

“Essa preparação consiste em destruir todo o sistema sanguíneo e imunológico do paciente, por meio de quimioterapias de altas doses, de modo que todas as células malignas sejam eliminadas por um tratamento impossível de ser tolerado caso as células capazes de reconstruir esses sistemas não estivessem protegidas fora do corpo. Se as novas células não forem reinfundidas, surgirão várias complicações que levarão quase invariavelmente à morte do doente”.

O início do drama: um acidente de trânsito

Dada essa explicação sobre a complexidade do tratamento e a necessidade de seguir a sequência exata programada pela equipe médica, a Dra. Gianne descreve a insólita situação vivenciada por ela:

“Duas pacientes portadoras de mieloma múltiplo foram preparadas para receber sua nova medula óssea. Após a confirmação da viabilidade das células coletadas previamente, realizaram-se os tratamentos quimioterápicos vinte e quatro horas antes do horário programado para a

infusão das células-tronco. Acontece que essas células são manipuladas no Centro de Tecidos Biológicos, distante quatrocentos quilômetros do local onde as doentes as receberiam.

“As células são transportadas em bolsas plásticas, envolvidas por placas metálicas finas que as protegem, e mergulhadas em contêineres com nitrogênio líquido, o que mantém a temperatura em 195 °C negativos. A posição e a inclinação do contêiner, dentro do veículo que faz o transporte, são monitoradas para assegurar que não haverá perda de energia ou aumento de temperatura durante o percurso até o centro transplantador, em Montes Claros.

“No horário em que as células deveriam chegar – dezoito horas do dia anterior à sua infusão –, fomos informados de um atraso no transporte, com nova previsão de chegada às vinte e uma horas. Às vinte e duas horas, o enfermeiro do centro transplantador recebeu da empresa transportadora a comunicação de que o motorista do carro havia so-

frido um acidente: o veículo capotara e estava pendurado em uma ribanceira junto ao Rio Jequitinhonha, próximo ao município de Olhos D’água. O motorista foi resgatado pelo SAMU, mas ninguém sabia informar a localização nem o estado das placas contendo as células-tronco destinadas ao transplante das duas pacientes.

“Solicitei imediatamente o auxílio do médico responsável pela Unidade de Transplante, meu marido, Dr. Luiz Fernando Veloso, que acionou o superintendente do hospital. Ambos entraram em contato com o SAMU, para saber os detalhes do acidente, de modo a mobilizar bombeiros e policiais, para que estes fornecessem a força e capacidade necessárias para a localização das placas contendo as células, em tempo hábil para a sua infusão.

“Logo ficamos sabendo que o carro estava bastante danificado, pendurado por um cabo de aço e que o contêiner não estava mais em seu interior. Além disso, a tampa do contêiner fora localizada, mas não encontraram o restante, muito menos as preciosas placas contendo a ‘vida’ das duas pacientes”.



Após o acidente, não se sabia a localização nem o estado das bolsas contendo as células-tronco. A cada instante que se passava, as probabilidades de que elas estivessem aptas para o transplante diminuía...

Veículo que transportava as células-tronco após o acidente; em destaque, busca pelas bolsas com o material

A prece: solução para um problema “insolúvel”

Vendo assim evanescidas todas as possibilidades de recursos naturais, a Dra. Gianne não hesitou um instante sequer:

“Diante desse evento e em completa escuridão e desespero, fui tomada por uma força de oração e súplica. Dirigi-me ao meu oratório e rezei, pedindo a intercessão de Nossa Senhora, os mistérios da luz – mistérios luminosos – do Santo Rosário, pois foi o que me veio à mente; ocorreu-me também pedir a uma boa senhora, com fama de santidade, da qual eu tinha ouvido falar.

“Esta senhora, já falecida, chamava-se Dona Lucília e, assim que seu nome me veio à mente, comecei a rezar e pedir, entre lágrimas de desespero, seu auxílio na busca das células, para que estas fossem encontradas aptas para infusão, na quantidade certa, com boa qualidade e da forma mais ágil possível, pois o tempo era um fator crítico naquela situação inusitada e preocupante.

“As células estavam no meio do mato, ou no fundo do rio, em algum lugar da estrada próximo a Olhos D’água. Elas eram a ‘vida’ de duas pacientes internadas, cujas medulas estavam adequadamente destruídas pela quimioterapia e prontas a receber as células, que naquele momento, estavam perdidas.

“Durante cerca de quatro horas eu rezei, chorei, clamei e pedi a Deus pela solução desse problema grave e difícil. Cada avanço do ponteiro do relógio significava o aquecimento das células, consumo de energia e perda de vitalidade. Caso o transporte houvesse ocorrido no horário normal e o acidente sucedesse durante o dia, certamente o impacto da temperatura teria sido maior”.

Correndo contra o relógio, na luta para salvar duas vidas

“Às duas e vinte da madrugada, fomos informados que três das qua-



“Comecei a rezar e pedir, entre lágrimas de desespero, o auxílio de Dona Lucília na busca das células”

Dona Lucília aos noventa e dois anos

tro placas acabavam de ser encontradas. Achar pequenas placas metálicas numa mata à beira do rio, à noite e sem que as pessoas que as procuravam soubessem exatamente o que estavam buscando, foi uma primeira providência de Deus.

“Imediatamente toda a equipe responsável pela infusão se dirigiu ao hospital, mas com grande angústia para averiguar a situação em que essas medulas chegariam. Além disso, eu não sabia ainda qual das duas pacientes receberia uma placa a menos.

“Às três e quinze da manhã as três placas me foram entregues em uma caixa de papelão, por um policial militar que havia sido curado de leucemia aguda cerca de dezoito meses antes. Posteriormente soube que em algum momento da busca das células foi aventado que desistissem da procura, mas ele e outras boas pessoas que lá estavam insistiram em manter os trabalhos, pois tinham uma ideia da importância desse evento na salvação das duas vidas que as aguardavam.

Vejo nisso uma segunda providência de Deus.

“As bolsas foram avaliadas e higienizadas; seguiu-se a infusão dos conteúdos das três bolsas: duas com 3,6 milhões de células para uma paciente, e a outra com 5 milhões de células para a segunda paciente. As bolsas chegaram descongeladas, e naquele momento não sabíamos se as células ainda estavam vivas e capazes de realizar seu papel, pois o descongelamento reativa as células, que começam a consumir energia e oxigênio e têm sobrevivência curta fora do corpo, nessas condições.

“A infusão das três bolsas contendo as células foi realizada entre três e meia e quatro e vinte da manhã, sem nenhuma intercorrência e com excelente tolerância por parte das pacientes. Elas estavam tranquilas e nada sabiam, ainda, do que havia acontecido.

Um pormenor vital

Um detalhe importantíssimo, que Dra. Gianne não deixa de registrar em seu relato, é o fato de que, para a medula óssea se restabelecer adequadamente em sua função, o número mínimo de células a serem infundidas é de dois milhões. Ciente disso, ela havia pedido em sua oração que se encontrasse a quantidade certa. Continua a narração:

“A terceira intervenção de Deus foi que chegaram duas bolsas da paciente que tinha apenas 3,6 milhões de células no total; a perda de uma de suas bolsas teria sido gravíssima. A bolsa extraviada era, portanto, da paciente que tinha, na única de suas bolsas encontrada, mais que o dobro do mínimo necessário.

“Às cinco horas da manhã foi-me entregue a quarta bolsa que, encontrada tardiamente, estava violada, rasgada e com todo o seu conteúdo celular perdido.

“Às sete da manhã essa notícia já estava na televisão, com a imagem de um

policial que, sob a luz de uma lanterna, remexia o mato na incrível jornada de busca por algo que ele conhecia apenas por aproximação. Informamos às pacientes sobre todo o ocorrido e suas implicações e riscos. Elas ficaram extraordinariamente tranquilas e confiantes”.

Certeza sobre a intercessão de Dona Lucilia

“Em situações ideais, os sinais de recuperação da medula óssea transplantada – cujo mínimo restabelecimento chamamos de ‘pega’ da medula – costuma ocorrer entre o décimo e o décimo quarto dia depois da infusão das células-tronco. Em alguns pacientes essa ‘pega’ pode demorar trinta dias ou até mais para ocorrer.

“Isso significava que o martírio daquela espera poderia ser em extremo longo e duro, em situação tão anormal. O risco de falha na ‘pega’, ou seja, de a medula simplesmente não funcionar, era uma ameaça preponderante e dependia do quanto aquelas células estavam viáveis depois dos insultos a que foram submetidas em decorrência do acidente.

“O quinto dia após a infusão era um domingo. Fui à Missa na Igreja de Nossa Senhora dos Claríssimos Montes, uma edificação dos Arautos do Evangelho. Era o primeiro domingo de junho, mês do Sagrado Coração de Jesus. Na homilia o sacerdote arauto mencionou, entre vários exemplos de devoção ao Sagrado Coração, Dona Lucilia, mãe de Dr. Plínio Corrêa de Oliveira, a mesma senhora com fama de santidade à qual eu havia recorrido naquela noite difícil. Isso já pareceu como um alívio para minha angústia.

“Em determinado momento, o sacerdote se referiu a Dona Lucilia como uma ‘lâmparina’ que conduzia ao Sa-

grado Coração de Jesus! Fiquei tomada de intensa emoção, pois me lembrei de uma série de fatos: as minhas orações, os mistérios luminosos, as lanternas dos policiais que encontraram no escuro as células desconhecidas para eles... Era impossível não associar os eventos das medulas, minhas orações e o pedido de intercessão que fiz àquela dama com fama de santidade.

“Fui tomada de uma certeza de que todo esse evento havia sido abençoado, protegido, guiado e iluminado por intercessão de Dona Lucilia”.

Afinal, duas pacientes inteiramente curadas

A esperança de Dra. Gianne no auxílio de tão bondosa mãe não seria defraudada quanto à questão mais importante em todos aqueles fatos: a vida das duas pacientes. Acompanhem o desfecho desse impressionante relato.

“No décimo dia da infusão, a paciente que recebeu as duas bolsas de

medula apresentou evidências inequívocas da ‘pega’ da medula óssea, e quatro dias depois recebeu alta em excelentes condições, como se a medula desconhecesse todos os insultos que sofrera.

“No décimo primeiro dia, a paciente que havia recebido apenas uma bolsa apresentou um quadro de reação inflamatória que, embora não seja frequente, pode acontecer na ‘pega’ da medula óssea, manifestado como febre, queda da saturação arterial de oxigênio, taquicardia e mal-estar. Ela recebeu o tratamento adequado e vinte e quatro horas depois estava em boas condições clínicas.

“Esclareço que a intensidade dessa reação seria muito maior e mais grave, caso a paciente tivesse recebido ambas as bolsas. Deus agiu com suma perfeição, entregando-me uma bolsa de medula completamente vazia pois, de outro modo, teria sido infundida. Esta paciente recebeu alta no décimo quinto dia, também em excelentes condições, como se nada negativo houvesse atuado sobre sua medula óssea.

“No dia 11 de junho, dia da alta de uma das pacientes, resolvemos agradecer a Nossa Senhora por seu cuidado materno no caso, sobre as equipes de busca, os médicos e paramédicos envolvidos nestes eventos. Recebemos a visita da Imagem Peregrina de Nossa Senhora de Fátima, com a bênção do Pe. Wagner Morato, EP. Foi um momento importante para a fé de muitas pessoas ali no hospital.

“Fizemos uma bela fotografia para a posteridade, com todos os envolvidos, e fiz questão de segurar uma foto de Dona Lucilia, como gratidão por essa grande bênção que nos foi concedida”. ✨



A esperança de Dra. Gianne no auxílio de tão bondosa mãe não seria defraudada quanto à questão mais importante: a vida das duas pacientes

Ao centro, Dra. Gianne portando um quadro de Dona Lucilia junto a dois profissionais envolvidos no caso

Fotos: Joanna Chaves



Costa Rica – Ao som dos cânticos do coro juvenil dos Arautos do Evangelho, no dia 24 de janeiro a histórica cruz do Parque Metropolitano La Sabana, em San José, foi abençoada pelo Núncio Apostólico, Dom Mark Gerard Miles, após meses de restauração. A cerimônia contou com a presença do Presidente da nação, Dr. Rodrigo Chaves Robles, e da primeira-dama, Da. Signe Zeikate, propulsora do projeto de recuperação desse símbolo religioso e cívico do país.

Fotos: Antonio Queirós



Salvador – Em solene sessão no Plenário Cosme de Farias, presidida pelo vereador Alexandre Aleluia, a Câmara Municipal de Salvador conferiu no dia 17 de dezembro o título de Cidadão de Salvador, “in memoriam”, a Mons. João Scognamiglio Clá Dias, EP, representado no ato pelo Pe. Wagner Silva, EP.

Fotos: Eric Salas



Espanha – Em um ato de devoção filial, no dia 25 de janeiro membros dos Arautos do Evangelho residentes na Espanha homenagearam Nossa Senhora do Pilar com uma Santa Missa e uma oferenda floral realizada na basílica a Ela dedicada em Saragoça.



Fotos: Romário Araújo

Cidade Estrutural (DF) – Por ocasião da comemoração litúrgica de Santa Luzia, padroeira de uma das capelas da Paróquia Jesus Bom Pastor, o Cardeal Dom Paulo Cezar Costa, Arcebispo de Brasília, presidiu a Solene Eucaristia da comunidade no dia 13 de dezembro. Concelebraram a Santa Missa o pároco, Pe. Lourenço Ferronato, EP, e o Pe. Miguel Ángel Díaz Meléndez, da Paróquia Nossa Senhora do Encontro com Deus.



Fotos: David Domingues

Caieiras (SP) – Cento e quarenta e quatro crismandos da Paróquia Nossa Senhora das Graças receberam, das mãos de Dom Sérgio Aparecido Colombo, Bispo de Bragança Paulista, o Sacramento da Confirmação. A cerimônia ocorreu no dia 7 de dezembro, na igreja da casa-mãe da Sociedade Feminina de Vida Apostólica Regina Virginum.



Fotos: Eduardo Injorque

Gabriel Lopes

Caieiras (SP) – O ano letivo do Instituto Teológico São Tomás de Aquino e do Instituto Filosófico Aristotélico-Tomista iniciou-se no dia 28 de janeiro, com a aula magna proferida por Dom Benedito Beni dos Santos, Bispo Emérito de Lorena, que em seguida presidiu a Santa Missa na Basílica de Nossa Senhora do Rosário.



Fotos: Emilio Pérez



Ecuador – A Imagem Peregrina do Imaculado Coração de Maria visitou as Paróquias São João Bosco (fotos 1 e 2) e Santa Teresa de Jesus (foto 3), na cidade de Cuenca. Em ambas as paróquias houve a solene coroação da imagem e várias Celebrações Eucarísticas, animadas pelo coral dos Arautos do Evangelho.

Fotos: José Cali



Chile – Uma abençoada “Tarde com Maria” foi realizada na casa do Arautos do Evangelho em Santiago do Chile, no dia 13 de dezembro. A programação constou de palestras sobre o tema “A Virgem Maria e o Advento”, seguidas da celebração da Santa Missa.

Camila Juárez



Guatemala – No mês de dezembro o coral do setor feminino dos Arautos do Evangelho realizou uma apresentação musical na Paróquia Nossa Senhora de Guadalupe, na Cidade da Guatemala, em cujo território se encontra a casa da instituição. As melodias seguiu-se a distribuição de alimentos para as famílias presentes.

Fotos: facebook.com/parroquiaguadalupeavilla



Um pedido da Santíssima Virgem

As cerimônias realizadas nos primeiros sábados de cada mês, em todos os lugares onde atuam os Arautos do Evangelho, têm sido objeto de copiosas graças. Visam elas atender ao pedido feito por Nossa Senhora, em Fátima, para que durante cinco primeiros sábados consecutivos os fiéis se confessem, recebam a Comunhão, recitem um Terço e façam uma meditação de quinze minutos sobre os mistérios do Rosário, a fim de desagravar seu Imaculado Coração.

Destacamos nas fotos abaixo as cerimônias ocorridas na Igreja Colegiada de Santo Isidro em Madri, Espanha; na Igreja do Santíssimo Sacramento, em Lisboa, na Igreja do Pópulo, em Braga, e na Igreja Nossa Senhora da Conceição, no Porto, Portugal; na Basílica de Nossa Senhora do Rosário, em Caieiras (SP); na Catedral Nossa Senhora da Graça, em Belém do Pará; e nas casas dos Arautos em Campos dos Goytacazes (RJ) e em Maringá (PR).



Madri

Eric Salas



Lisboa

Francisco Meyer



Caieiras (SP)

Stephen Nami



Caieiras (SP)

Stephen Nami



Belém

Salvador Astorino



Lisboa

Francisco Meyer



Campos dos Goytacazes (RJ)

Lucas Caldas



Caieiras (SP)

Stephen Nami



Madri

Eric Salas



Porto

Antônio Carneiro



Braga

Antônio Carneiro



Maringá (PR)

Fernanda Aguiar



A vitória dos vencidos

Por um momento, a França tremeu. Alguns camponeses, armados com foices e rosários, ousavam deter a Revolução.

✎ Pedro Gusson Angelune Martins



Ao despontar o ano de 1793, a França parecia uma nação fadada ao desaparecimento. Tudo quanto houvera de estável em treze séculos de monarquia cristã desagregava-se ou era destruído: o rei havia sido decapitado; a família real encontrava-se prisioneira; a nobreza emigrara; o clero dividia-se entre perseguidos e cismáticos; a burguesia estava convulsionada pelos miasmas revolucionários; Paris convertera-se no centro da revolta.

A solução viria do único poder capaz de suscitar forças providenciais nos mais humildes e insuspeitados recônditos da sociedade, nos momentos em que as elites decaem. Tratava-se do mesmo poder que fizera séculos antes, de uma pastora chamada Joana d'Arc, a salvadora da filha primogênita da Igreja.

Conforme observa certo autor,¹ há nos anais da França episódios que constituem como que ecos da História Sagrada. E, nesse sentido, pode-se dizer que coube à contrarrevolução vandeana repetir as palavras de Davi ao combater o gigante Golias: “Toda esta multidão saberá que não é com a espada nem com a lança que o Senhor triunfa, pois a batalha é do Senhor e Ele vos entregou em nossas mãos” (I Sm 17, 47).

Em plena Revolução Francesa, iniciar-se-ia um grande duelo entre o Cristianismo e a Revolução,² que seria a parábola do supremo combate entre a luz e as trevas.

Princípios de uma guerra de religião

No dia 24 de agosto de 1790, sancionou-se a Constituição Civil do Clero, pedra fundamental de uma “igreja” moderna, estatal e separada da Sé Romana. Meses depois, os clérigos eram intimados a subscrevê-la, sob pena de exílio ou, caso permanecessem no país, de morte. Sonhavam os fautores da Revolução que, feridos os pastores, o rebanho se dispersaria.

Mas não seria assim numa região percorrida havia menos de um século por São Luís Maria Grignon de Montfort, onde os vínculos entre a Igreja e os fiéis conservavam-se por demais fortes para se dissolverem por um simples mandato republicano.

A 21 de janeiro de 1793, Luís XVI era guilhotinado. Não se tratava apenas de um regicídio, mas de um verdadeiro atentado à ordem católica do Antigo Regime. A notícia cairia como um raio sobre a população do oeste francês.

Os católicos se insurgem

A Vandeia é uma larga província situada entre o Rio Loire e o Oceano Atlântico, emoldurada ora por densos bosques, ora por terrenos pantanosos. Essa região era o solo natal de homens de vontade decidida e de grande apego às tradições, aliadas a uma fé profunda e uma fidelidade familiar a toda prova.

Para os vandeianos, a tristeza pela execução do soberano logo se transformaria em ódio, pois a Convenção – go-

verno revolucionário de então – determinou o recrutamento de trezentos mil homens para defender suas fronteiras. Assim, a Revolução já não exigia apenas a resignação dos franceses em face de suas atrocidades, mas que eles tomassem parte ativa em suas iniciativas. Nem é preciso dizer que aqueles rudes camponeses não se submeteriam tão facilmente...

12 de março, Saint-Florent-le-Vieil. Alguns camponeses exaltam-se ao recusar o alistamento. Os azuis – como eram conhecidos os republicanos – trazem um canhão para persuadi-los, mas os jovens lançam-se à luta e terminam por tomar a peça. É o início de um conflito que se estenderá quase simultaneamente por diversas localidades e ameaçará o poderio revolucionário.

Haverá, é verdade, outros levantes contrarrevolucionários, como o da *Chouannerie*, na Bretanha, as revoltas de Lyon, Toulon e Marselha e algumas escaramuças de monarquistas esparsos. Mas a insurreição vandeana será o único movimento a constituir um verdadeiro corpo militar em oposição à República: a *Grande Armée Catholique et Royale* – o Grande Exército Católico e Real.

Em sua maioria agricultores e artesãos, os combatentes da primeira hora escolherão como líderes homens de sua vizinhança, mas dotados de um carisma que arrastará multidões: Cathelineau, um simples vendedor, apreciado unanimemente por seu fervor religioso

e seus ímpares dons de comando, e Stofflet, um antigo guarda-caças que realizará proezas militares inauditas.

E os nobres? Num primeiro momento não atuarão. Os que não haviam emigrado muravam-se em seus domínios, esperando o fim da tormenta. Por fim, alguns acabarão aceitando o comando, dada a insistência dos camponeses. “É aos nobres que cabe guiá-los”, resumiu Cathelineau, “somos valentes como eles, mas eles entendem melhor a arte da guerra”. Eis porque os insurgentes hão de procurar homens experimentados como Charette, d’Elbée, Lescure, de La Rochejaquelein e Bonchamps.

Assim, o marquês de Bonchamps fará de seus homens grandes soldados. Lescure comandará investidas no Alto Poitou, enquanto seu primo, Henri de La Rochejaquelein, passará para a História como uma das figuras emblemáticas da resistência, imortalizado por sua frase célebre: “Se eu avançar, segui-me; se eu recuar, matai-me; se eu morrer, vingai-me”. Será, entretanto, sobretudo a François Athanase Charette que a guerra da Vandeia deverá seus lances mais inopinados e seus capítulos mais trágicos.

Os papéis se invertem

Nas primeiras batalhas em campo raso, os vandeianos ainda temiam o fogo dos canhões: aos disparos se seguia a debandada. Armados com paus e forcados, aqueles guerreiros principiantes pareciam indefesos ante às fileiras bem munidas da República. Mas, instados pelos chefes e até pelas próprias esposas, aprenderam em pouco tempo a guerrear com estro e habilidade: abaixando-se ao ouvir o troar das armas, esquivavam-se dos tiros; em seguida, corriam antes que o inimigo pudesse recarregar as peças de artilharia.

Os papéis então se inverteram, e os azuis começaram a recuar. Os despojos, é claro, eram capturados pelos vandeianos, que passaram então a lutar com armamento apropriado.

Entretanto, mais valioso do que qualquer espólio era o apreço mútuo reinante entre as fileiras católicas.

Os brancos, ou seja, os vandeianos, principiaram por atacar vilarejos considerados praças-forte da República. Portando seus grandes rosários e emblemas do Sagrado Coração de Jesus, conquistaram várias cidades em poucos dias. Cada descampado convertia-se em campo de batalha, cada foice em arma, cada caminho em trincheira.

Em um verdadeiro êxodo, dezenas de paróquias se insurgiram, unindo-se ao comandante mais próximo. Famílias inteiras deixaram seus lares a fim de partir rumo ao combate e ao desconhecido.

E os feitos heroicos se multiplicaram. Certa vez, durante um combate, bradou um republicano: “Atirai naquele que porta um lenço vermelho”. Ora, Henri de La Rochejaquelein sempre se distinguia por esse sinal. Os tiros não lograram alvejá-lo, mas, passado o combate, os oficiais suplicaram a Henri que o retirasse, ao que o chefe não atendeu. Ante tal situação, os camponeses decidiram adotar todos o mesmo distintivo, a fim de que este não fosse motivo de perigo para o comandante.

De vitórias brilhantes a uma triste dispersão

A mais brilhante oportunidade que teve o Grande Exército para reverter a situação da França foi a conquista de Saumur. A 9 de junho, a fortaleza reputada inexpugnável caiu em mãos dos contrarrevolucionários. O butim foi considerável: cinquenta canhões, quinze mil fuzis, dez mil prisioneiros. Estava aberto o caminho para a tomada de Paris e a consequente restauração do trono.

Mas, infelizmente, o exército se desfazia a cada êxito. A fim de realizar a colheita, muitos voltavam para suas propriedades e, assim, a dispersão os impedia de aproveitar a privilegiada situação. Para cúmulo, a ingenuidade os levava a libertar os prisioneiros, mediante um juramento de não mais pegar em armas. Inócua medida, pois os agraciados, desprovidos de honra, tornavam-se carrascos na próxima ocasião. Conforme as palavras do General Westermann, “a piedade não é revolucionária”.³

Ademais, não houve uma ação conjunta por parte dos comandantes. A bem dizer, o Grande Exército estava constituído por três divisões que atua-



Francisco Lecaros

Cada descampado convertia-se em campo de batalha, cada foice em arma, cada caminho em trincheira. Famílias inteiras deixaram seus lares a fim de partir rumo ao combate e ao desconhecido. E os feitos heroicos se multiplicaram

“Henri de La Rochejaquelein é proclamado chefe pelos camponeses vandeianos”, por Eugène Gluck - Museu de História da Vandeia, Lucs-sur-Boulogne (França)

vam, na maior parte das vezes, isoladamente. Assim, o levante perdia a força de impacto que a união proporcionaria.

Em 18 de junho, os vandeans apoderaram-se de Angers. Propôs-se atacar o porto de Nantes, o que os permitiria unirem-se aos contrarrevolucionários da Bretanha, conhecidos como *chouans*. Contudo, os resultados do empreendimento foram desastrosos. Cathelineau foi ferido durante a batalha e, após duas semanas de agonia, rendeu sua alma a Deus.

A partir deste momento, a pugna tomou novo aspecto: as forças adversárias alternariam sucessos com os guerreiros monarquistas. Embora a balança parecesse pender a favor dos azuis, por vezes os brancos reerguiam-se miraculosamente. Ainda lhes restava esperança.

A subida do Calvário

17 de outubro. Enquanto o corpo inerte da Rainha Maria Antonieta jazia no Cemitério da Madalena na capital francesa, travava-se a decisiva batalha de Cholet.

Apesar de sua superioridade numérica, um misterioso pânico acometeu os vandeans. O marquês de Lescure caiu alvejado no olho esquerdo, d'Elbée foi ferido gravemente, bem como Bonchamps, cujo derradeiro pedido foi a libertação dos cativos.

À derrota somente faltava tornar-se catástrofe.

Decididos a abandonar uma terra fadada ao extermínio, oitenta mil homens cruzaram o Loire rumo à Bretanha, à espera de apoio inglês no porto

de Granville. Após uma odisseia tão árdua quanto ingrata, os remanescentes tiveram de retornar; o episódio passou para a História como a Virada do Galerna – nome dado ao vento que sopra do noroeste, responsável por naufrágios e tormentas.

Com o exército desfeito e quase todos os combatentes mortos, a epopeia chegava ao ocaso. A 23 de dezembro, os sobreviventes tombaram nos pântanos de Savenay, caçados como feras pelo cruel General Westermann.

Apenas Charette resistirá, com um punhado de fiéis, personificando de certo modo a glória vandeana. Dois anos mais tarde, a 29 de março de 1796, será capturado e fuzilado.

A República votou ao extermínio a região de onde surgira seu maior pesadelo. Mais de meio milhão de homens, mulheres e crianças pereceram nos incêndios, nos afogamentos, nos massacres, em suma, no genocídio decretado a partir de 1794. Os brancos passaram para a História, ao menos aquela contada pelos revolucionários, como rebeldes desorganizados e fanáticos, que lutavam selvagememente por um ideal idílico. Um completo fracasso. Será?

Vencidos?

Séculos de glória e de fidelidades da nação primogênita da Igreja concentraram-se sobre os ombros daqueles humildes camponeses. Em seus estandartes brilhou a certeza da vitória. Pela primeira vez, a Revolução viu-se diante de um poder maior do que o seu.⁴

O Senhor dos exércitos convertera aquela estirpe de guerreiros invencíveis numa multidão de mártires

Batalha de Fougères, por Julien Le Blant

Mas, em determinado momento, o inexplicável aconteceu. E Deus pareceu abandonar sua própria causa. Castigo?

Na realidade, a insurreição vandeana – como muitos outros fatos – não é uma história a ser lida com olhos humanos. Por vezes, detrás de grandes fracassos se escondem as mais altas glórias. Grandes decepções compram, diante de Deus, triunfos inauditos.

O Senhor dos Exércitos decidira ornar o estandarte vandeano com a cruz, convertendo aquela estirpe de guerreiros invencíveis numa multidão de mártires. A fidelidade dos justos estava, pois, selada, e cumpria à divina justiça glorificar seus eleitos quando Lhe aprouvesse, nesta vida ou na outra.

Houve materialmente uma derrota, é verdade, mas diante de Deus houve um triunfo. Pois nesta terra batalhas se perdem e se ganham sem decidir, contudo, o desfecho da guerra por excelência.

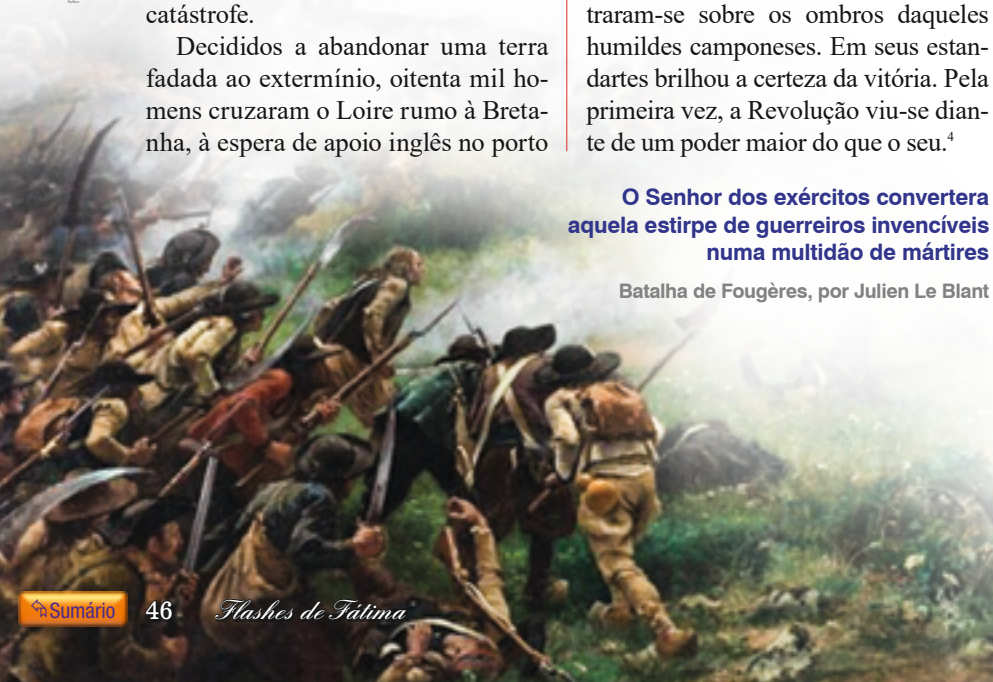
De fato, o supremo embate entre a luz e as trevas, do qual esses fatos constituíram um capítulo cheio de dores e glórias, ainda não se encerrou. Ele continua, em nossos dias, e somente terá desfecho quando Nosso Senhor Jesus Cristo vier em glória e majestade, para julgar os vivos e os mortos. ✠

¹ Cf. CHARLES-ROUX, Jean. *Passion et calvarie d'un enfant roi de France*. In: ESCANDE, Renaud (Dir.). *Le livre noir de la Révolution Française*. Paris: Du Cerf, 2009, p.163.

² Os termos Revolução e Contra-Revolução, quando escritos com iniciais maiúsculas e sem referência a algum episódio histórico determinado, são utilizados nestas páginas no sentido que lhes dá Dr. Plínio Corrêa de Oliveira em seu livro *Revolução e Contra-Revolução*.

³ SECHER, Reynald. *La Guerre de Vendée. Guerre civile, génocide, mémoricide*. In: ESCANDE, op. cit., p.231.

⁴ Cf. DAWSON, Christopher. *Os deuses da Revolução*. São Paulo: É Realizações, 2018, p.131.



...o que são os ministérios de leitor e acólito?

Sábia e materna, a Igreja Católica estabelece diferentes estados e graus no serviço do culto sagrado. Nessa hierarquia de funções, ocupam lugar proeminente os clérigos – Bispos, presbíteros e diáconos –, que receberam o Sacramento da Ordem.

Contudo, alguns leigos batizados e crismados que forem julgados dignos, podem ser instituídos nos ministérios de leitorado e acolitado. *Minister*, em latim, designa um servente, ajudante ou representante; e *ministerium*, um ofício ou serviço.

Na Igreja de rito latino, essa instituição se faz mediante um ato litúrgico presidido pelo Bispo ou, em institutos clericais, pelo superior competente. Dessa maneira, sem ingressar no estado clerical, eles podem exercer funções auxiliares de ordem litúrgico-religiosa.



Instituição de ministério de leitor - Basílica de Nossa Senhora do Rosário, Caieiras (SP)

Assim, ao leitor cabe a proclamação da Palavra de Deus nas celebrações litúrgicas. Entre outras funções, ele pode fazer as leituras da Sagrada Escritura, com exceção do Evangelho; na

ausência do salmista, recitar o Salmo; e, quando não houver diácono, enunciar as intenções da oração dos fiéis.

Corresponde-lhe, ademais, dirigir o canto, instruir os fiéis para bem receber os Sacramentos e, sendo oportuno, preparar aqueles que, por encargo temporário, devem ler a Sagrada Escritura durante os atos litúrgicos.

O acólito, por sua vez, é instituído para servir o sacerdote e auxiliar o diácono junto ao altar. Tem licença para distribuir a Comunhão na qualidade de ministro extraordinário e, em circunstâncias especiais, expor o Santíssimo Sacramento e o repor. Também lhe compete a instrução dos coroinhas e de outros fiéis que compoñam o séquito litúrgico.

Convém ressaltar que todo candidato a diácono deve ser instituído previamente como leitor e acólito. ✚

...que Nossa Senhora deixou seu retrato na Itália?

Narra a tradição cristã que em Rossano, região da Calábria, Itália, um venerável monge do século VII, ardente devoto da Virgem Maria, pediu e obteve do imperador a autorização para converter a gruta onde residia numa igreja dedicada à Mãe de Deus.

Tendo-se realizado todos os preparativos para a construção, o governador Filípico ordenou que competentes artistas de Bizâncio pintassem no fundo da gruta uma efígie de Nossa Senhora. Ora, algo inesperado se deu: os obreiros notaram que a pintura feita durante o dia desaparecia, inexplicavelmente, ao anoitecer.

Aborrecido, o governador designou um vigia para guardar a gruta e verifi-

car o que lá se passava. Certa noite ele viu aproximar-se uma nobre Senhora com alvíssimo traje, portando um belo Menino em seus braços. Encantado, a sentinela permitiu-lhes a entrada ao local a fim de que pudessem rezar. Decorrido algum tempo, o soldado entrou no santuário e qual não foi sua surpresa ao contemplar a imagem da Senhora e do Menino magnificamente estampada no lugar onde antes os artistas haviam trabalhado.

Avisado o governador, todos acorreram à gruta e, cheios de admiração, exclamaram: “Achiropita!”, do grego bizantino *αχειροποίητα*, ou seja, não pintada por mão humana. E assim ficou designado o retrato: Nossa Senhora Achiropita. ✚



Nossa Senhora Achiropita - Catedral a Ela dedicada em Rossano (Itália)

Seilko (CC by-sa 4.0)



Escravidão que liberta, liberdade que escraviza

O Livro do Gênesis, rico em emotivas e dramáticas cenas, constitui um verdadeiro tesouro de ensinamentos morais. Destes, podemos destacar o paradigmático caso de José, o jovem “sonhador”.

✠ David Camarillo Manzanares



Escravidão!... Palavra tão cruel, que evoca dolorosas e terríveis impressões em nosso interior: pesadas correntes, violentas sujeições, horripilantes castigos, realidades que tanto mais nos fazem estremecer quanto mais nos afastam daquilo que muito apreciamos, a liberdade. Entretanto, por incrível que pareça, há uma escravidão que liberta e uma liberdade que escraviza.

Exemplo disso encontramos no Livro do Gênesis. Rico em emotivas e dramáticas cenas, tal escrito cons-

titui um verdadeiro tesouro de ensinamentos morais, dentre os quais podemos citar o paradigmático caso de José, o jovem “sonhador” (Gn 37, 19), que bem expressa o contraste entre a inveja e a admiração na alma humana.

O mais amado dos filhos...

Jacó teve uma filha e doze filhos, entre os quais José gozava de especial predileção: seu pai o amava “mais do que todos os outros filhos” (Gn 37, 3a). Por quê?

Numa primeira leitura, parece óbvio que essa preferência encontrava seu fundamento no fato de José ser o descendente que lhe nascera quase no final da vida. Pelo menos é o que indica o texto sagrado: “porque era ele o filho de sua velhice” (Gn 37, 3b). Contudo, a explicação pode não estar completa. Se o amor paterno de Jacó se movesse apenas por isso, o principal objeto de sua afeição deveria ser Benjamim, o último rebento concebido por Raquel (cf. Gn 35, 18).

Existia certamente algo de mais sublime naquela inocen-

te alma, que não só atraiu a predileção paterna, mas, acima de tudo, conquistou o coração do próprio Deus. Uma graça e um desígnio especiais pairavam sobre José, no qual desde a juventude brilhara uma particular retidão e notórios dons sobrenaturais.

...e o mais odiado entre os irmãos

É próprio do amor manifestar-se. Fiel a essa regra, Jacó quis revestir o filho predileto de uma túnica polícromada, como prova do seu entranhado afeto. Tal gesto, porém, constituiu uma prova para os irmãos... Percebendo que José gozava da primazia, “começaram a odiá-lo e não podiam mais tratá-lo com bons modos” (Gn 37, 4).

Era a inveja que, “quando se apodera da alma, não a deixa até conduzi-la à monstruosidade mais extrema”,¹ como bem pondera São João Crisóstomo. De fato, o ódio crescente dos irmãos obscureceu-lhes o coração até levá-los a excogitar um dos crimes mais hediondos: o fratricídio.

Uma liberdade que escraviza

Inveja! Se verificarmos sua etimologia, deparar-nos-emos com uma interessante peculiaridade: o termo vem do latim *invidia*, que deriva de *invidere*, propriamente “lançar um mau olhar”.²



José é vendido por seus irmãos - Igreja de São Pedro e São Paulo, Les Mureaux (França)

O invejoso fica obcecado; ilude-se, considerando o bem do próximo como um obstáculo para a sua própria glória. Assim, expõe-se a terríveis consequências: tristeza ante a virtude de outrem, ódio, maledicência, calúnia, alegria pelo mal acaecido aos demais, e um longo *et cetera*... Ele não se dá conta de que tal vício lhe traz somente culpa e remorso.

Foi esse o triste caso daqueles irmãos que, diante de uma alma admirativa e inocente, não descansaram senão quando descarregaram todo o seu furor contra ela: “Vamos, matemo-lo e atiremo-lo numa cisterna” (Gn 37, 20).

Duas manifestações de um mesmo vício

Entretanto, a maldade deles não parou nesse brado infame... Logo a voz da hipocrisia fez-se ouvir: “Que nos aproveita matar nosso irmão e ocultar o seu sangue? Vinde e vendamo-lo aos ismaelitas. Não levantemos nossas mãos contra ele, pois, afinal, é nosso irmão, nossa carne” (Gn 37, 26-27). E assim fizeram! “Quando passaram os negociantes madianitas, tiraram José da cisterna e venderam-no por vinte moedas de prata aos ismaelitas, que o levaram para o Egito” (Gn 37, 28).

Trata-se de duas manifestações de uma mesma inveja: a radical, que visa a destruição e o total desaparecimento daquele que é invejado; e a hipócrita, que não tolera nem admira inteiramente o bem, mas também não adere por completo nem ao pecado nem ao mal. Facinora? Não. Indolente, píffio e medíocre, como Pôncio Pilatos, que lavou suas mãos ante o maior crime da História.

Pobres cegos! Sem o perceberem, mais escravos eram do que José, a

quem propriamente vendiam para a servidão. Este, embora cativo, livre permaneceu por não se deixar tolher pelas amarras do pecado. E seria a partir dessa escravidão que Deus realizaria grandes maravilhas.

Admiração, o pressuposto do amor

O primeiro elemento do amor é a admiração. O mandamento de amar a Deus sobre todas as coisas pressupõe, destarte, o *admirar* a Deus em todas as coisas. Explicamos: quando estimamos alguém, sentimos a necessidade de gozar de sua presença. O mesmo

“para” ou “em direção a”. Aplicando isso às nossas relações com o Criador, parece plausível afirmar que *ad-mirari* indica o movimento da pessoa que volta sua atenção para fora de si mesma, a fim de buscar a Deus.

Entendida dessa forma, a admiração bem poderia ser chamada escravidão de amor!

Uma escravidão que liberta

Esse entranhado relacionamento sobrenatural comprou a liberdade para José. Com efeito, ele soube encontrar a mão de Deus por trás dos sonhos do faraó, salvando o país da terrível fome que estava por vir. O soberano, como mostra de afetuosa gratidão, libertou-o do cárcere e, tirando seu próprio anel, “pôs na mão de José; e o fez revestir-se de vestes de linho fino e meteu-lhe ao pescoço um colar de ouro. [...] É assim que ele foi posto à frente de todo o Egito” (Gn 41, 42-43).

Vemos aí o prêmio da alma admirativa: Deus a livra do cárcere do egoísmo, para fazê-la habitar nos palácios da caridade; rompe as correntes do pecado para pôr, em seu lugar, o anel, símbolo de sua aliança indissolúvel; liberta do jugo da escravidão diabólica, para colocar ao pescoço o colar preciosíssimo da “gloriosa liberdade dos filhos de Deus” (Rm 8, 21)! ✨



Eis o prêmio da alma admirativa: Deus a livra do cárcere do egoísmo, para fazê-la habitar nos palácios da caridade

“José interpreta os sonhos do Faraó” - Galeria Bassenge, Berlim

ocorre no amor ao Criador, que nos impulsiona à infatigável procura de reflexos d’Ele no espelho do universo, sem obter repouso senão quando O encontramos.

Aliás, a palavra admiração vem do latim *admiratio*. *Miror* significa, entre outras acepções, olhar com assombro, encanto;³ ao passo que *ad* se traduz por

¹ SÃO JOÃO CRISÓSTOMO. *Homiliarum in Genesim*. Homilia LXI, n.1: PG 54, 526.

² INVIDEO. In: ERNOUT, Alfred; MEILLET, Alfred. *Dictionnaire étymologique de la Langue Latine*. 4.ed. Paris: Klincksieck, 2001, p.321.

³ Cf. MIRUS. In: ERNOUT; MEILLET, op. cit., p.406.

Virtudes antagônicas ou complementares?

Enquanto a virgindade, tão delicada, é habitualmente associada à fragilidade, a combatividade remete à adversidade, com frequência brutal. Seriam, pois, virtudes contraditórias, se uma mesma pessoa não houvesse, pela santidade, tornando-se o paradigma de ambas.

✠ Pe. Louis Goyard, EP



Nascida pastora, numa desconhecida cidade de uma região considerada secundária, Santa Joana d'Arc foi profeta, virgem, rainha, guerreira e mártir. E para cumulá-la da glória de assemelhar-se a Ele, Nosso Senhor quis ainda que a *Pucelle* sofresse difamações e traição por parte do clero de seu tempo, dos nobres de sua nação e do povo que viera salvar.

Os séculos, porém, lhe fizeram justiça e, do alto do firmamento onde o fulgor de sua santidade a alçou, ela pôde contemplar os seus contendores serem varridos pela História e sepultados, uns no esquecimento e outros na infâmia. Finalmente, São Pio X reconheceu-lhe a heroicidade de virtudes, elevando-a à honra dos altares.

* * *

A santa pastora foi, em sua debilidade virginal e encantadora, chamada a viver num campo militar onde, infelizmente, tantas e tantas vezes a linguagem é impura e as más presenças se fazem notar. Entretanto, ela reluzia ali como um círio de cera puríssima em plena noite. Tem-se a impressão de desprender-se de sua figura um fulgor de neve batida pelo sol, quase de ofuscar. Segundo depoimentos da época, de tal modo ela irradiava virgindade

que sua mera proximidade facilitava a guarda da castidade.

Delicada como uma flor, ela era, contudo, intolerante com qualquer tipo de pecado e de vício: a virgem de Orléans integrou o rol das almas incontaminadas, nas quais nunca houve nenhuma transigência, convivência

ou cumplicidade com o mal. De fato, a única forma de castidade séria é aquela que despreza e rejeita a impureza; do contrário, logo se revela falsa e efêmera.

* * *

Sua delicadeza virginal, porém, parecia fadada a viver em contradição.



Lúcio César Rodrigues

Primeira Comunhão de Santa Joana d'Arc -
Basílica de Bois-Chenu, Domrémy-la-Pucelle (França)

Com efeito, uma das atividades mais intensas que o homem pode exercer é sem dúvida o combate, o qual exige um auge de agilidade e de força, física e sobretudo moral. Torna-se necessário fazer valer os direitos de Deus e da justiça, dobrando o vigor do mal para, afinal, vencê-lo. Assim, a fragilidade se apresenta incompatível com o estado guerreiro.

Ora, de Santa Joana d'Arc a História relata feitos de armas reputados impossíveis. Nela o heroísmo militar brilhou com um fulgor extraordinário, porque estava aliado à inocência: mostrou galhardia entre os seus, galhardia no campo de batalha, galhardia em face do inimigo, galhardia, por fim, diante do tribunal da traição durante os interrogatórios de seus juizes infames. Trata-se da galhardia levada até onde pode sê-lo.

Assim, encontramos nela a virgem frágil, pastorinha e guerreira, que muda o curso da História da Europa para realizar os planos de Deus e salvar a França.

* * *

Como, então, resolver a aparente contradição resultante do fato de a combatividade frequentemente se apresentar como sinônimo de brutalidade, e a pureza como companheira da debilidade?

Em Santa Joana d'Arc vive todo o ideal guerreiro da Idade Média, como também o ideal da virgem cristã. É contrário à fragilidade de uma virgem ser guerreira, mas, quando se trata de uma virgindade ilibada, esta confere à mulher uma tal força que, sem deixá-la máscula, a equipara ao homem na capacidade de coagir o mal e executar os designios divinos.

Na libertadora da França a virgindade, por estar ligada ao heroísmo do fogo e do sangue, chama mais a atenção da imaginação e dos sentidos do que qualquer outra forma de virgindade; de outra parte, esta se aliou à debilidade feminina e às armas para dar à condição militar um brilho inteiramen-

te novo. Entre os destroços, a poeira e a fumaça, a couraça fazia resplandecer sua pureza de modo especial durante o combate, porque ela viveu ilibada no meio dos homens.

Santa Joana d'Arc é o exemplo da virgem católica, tão casta que pôde conviver naquele ambiente sem contaminar-se e pôde ser guerreira – função específica do homem – conservando-se virgem e feminina, nimbada por aquela virgindade cor de pérola, mas pugnaz, corajosa, audaciosa e segura de si, que reduz a impureza ao estado de covardia. Diante de alguém como ela, o despudor só tem a possibilidade de resistência que o tumor apresenta ao bisturi do médico.

Sua virginal fortaleza proclama, do alto do Céu onde agora se encontra, que a pureza só é verdadeira quando capaz de lutar com todo o ardor, e que só a alma pura é capaz de verdadeira combatividade.

A santidade é una, e nela não pode existir uma virtude sem as demais... ✝

**Santa Joana d'Arc -
Place des Pyramides, Paris**



A hora mais sublime

A hora do holocausto de si mesmo a Deus é a mais sublime da vida de um homem. Em consequência, é a hora em que ele se dispõe a enfrentar riscos supremos por um ideal verdadeiro e muito elevado. É o momento no qual se apresenta para sofrer tudo quanto tem de sofrer, disposto a cambalear de dor sob a cruz, como Nosso Senhor, contribuindo para a realização da História e do plano de Deus para a humanidade.

Plínio Corrêa de Oliveira